

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
LINHA DE PESQUISA: FAMÍLIA, GÊNERO E INTERAÇÃO SOCIAL**



**IDOSAS QUE CHEFIAM LARES MULTIGERACIONAIS POR RECOABITAÇÃO:
ESCOLHA OU FALTA DE OPÇÃO?**

UBIRACELMA CARNEIRO DA CUNHA

RECIFE/2017

UBIRACELMA CARNEIRO DA CUNHA

**IDOSAS QUE CHEFIAM LARES MULTIGERACIONAIS POR RECOABITAÇÃO:
ESCOLHA OU FALTA DE OPÇÃO?**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Linha de pesquisa: Família, Gênero e Interação Social.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cristina Maria de Souza Brito Dias

RECIFE/2017

C972i

Cunha, Ubiracelma Carneiro da

Idosas que chefiam lares multigeracionais por recoabitação :
escolha ou falta de opção? / Ubiracelma Carneiro da Cunha ;
orientador Cristina Maria de Souza Brito Dias, 2017.

69p f. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco.
Pró-reitoria Acadêmica. Coordenação Geral de Pós-graduação.
Mestrado em Psicologia Clínica, 2017.

1. Idosos. 2. Relações entre gerações. 3. Família. 4. Avós e netos.
I. Título.

CDU 159.9

UBIRACELMA CARNEIRO DA CUNHA

**IDOSAS QUE CHEFIAM LARES MULTIGERACIONAIS POR RECOABITAÇÃO:
ESCOLHA OU FALTA DE OPÇÃO?**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Rosa Maria da Motta Azambuja
Faculdade Batista Brasileira

Profª Drª Albenise de Oliveira Lima
Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP

Profª Drª Cristina Maria de Souza Brito Dias
Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP

Recife, 05 de janeiro de 2018

*“Não marco datas,
não sei idades,
nem conto o tempo.
Sou como a ave
que se liberta,
para,
no seu voo,
medir distâncias,
correr oceanos.
Mas não sabe
o que é marcar datas.
Sou como a ave
que talvez saiba
o que é tempo
na liberdade das suas asas
de abrir espaços,
mas não sabe contar idade.
Sou como a ave
num voo eterno”*

(Voar - De minha avó, Maria do Céu Bandeira da Cunha)

DEDICATÓRIA

Aos meus pais amados

AGRADECIMENTOS

Serei sempre muito grata aos meus pais, Ubirajara e Selma, por, da maneira deles, contribuírem para meu crescimento pessoal e profissional. Quando penso em vocês, sinto em mim o maior amor do mundo. O amor que me deu possibilidade de sentir a vida e ver o mundo. O amor que me ensina todos os dias. É imenso e genuíno. Vocês são meu ninho.

As minhas irmãs, Talyta e Gabi, as duas tão diferentes e autênticas. Sempre aprendo muito com vocês. Meus passarinhos de luz sempre estaremos juntas em sentimento, apesar de qualquer distância que nossos caminhos nos levarem.

A minha pequena Letícia, que me fez sentir o que é ser tia, que me enche de bons sentimentos, que me ajudou a fazer as considerações finais, riscando as folhas com bonecos de bolinha. Minha pequena flor, tia agradece todos os dias a sua existência.

A meu flor, Rodrigo, que sempre me deu muito incentivo e ajuda nos momentos mais difíceis das minhas caminhadas. Meu ombro amigo, você é um flor muito especial na minha vida. Continue sendo luz nesse mundo e floresça cada vez mais.

As minhas xuxus, Claudinelly, Viviane e Isla, que há anos compartilhamos amor e carinho, cada uma com seu jeito peculiar. Sou louca por vocês, por nossas risadas, nossos momentos de descontração que me fazem dar um tempo dos impasses da vida. Vocês com certeza fazem o meu mundo melhor. Ressalto aqui a disposição dessas loucas em encontrar as minhas participantes. Vocês são sensacionais.

A minha querida amiga mineira, Thaís, claro. Tico e Teco, Tomé e Bebé [...]. Um presente mais que especial que esse mestrado me deu foi conhecer você e ter o privilégio de hoje ser sua amiga. Na verdade, a sensação que tenho é que sempre te conheci, e nas distâncias entre Vitória/PE e as tantas cidades em que você morou, nossas almas sempre estavam conectadas, até chegar o dia em que Deus fez o nosso encontro presencial. Você foi luz que iluminou meu caminho nessa jornada. Não importa onde nossos caminhos nos levem, estaremos sempre em nossa exótica sintonia. Seremos sempre dois passarinhos ousados nesse mundo, Lóris e Beija-flor.

As minhas amigas Diana e Agna, que mesmo longe sempre me dão muito apoio e são minha inspiração desde a graduação. Guardo nossa amizade com muito amor em meu coração.

As minhas companheiras de mestrado Helga, Karlise, Emily e Denise, vocês agregaram mais valor e sentido aos dias de aulas, aos congressos... Só sei que a vida acadêmica ficou mais fraternal com vocês nela.

A minha querida orientadora Prof^ª Cristina, por desde o início me dar possibilidade de viver essa experiência de mestrado. A pessoa que, sem nunca ter me visto, respondeu o meu e-mail com tanta atenção e cuidado, sempre me emociono quando lembro. A pessoa que, sem me conhecer, me chamou para ser sua bolsista. Acreditou em mim e desde então sempre me deu impulso para buscar mais. Minha gratidão é imensa.

As queridas Professoras Albenise e Marisa, as duas pessoas acolhedoras mais arretadas que tive o privilégio de conhecer. Tenho uma admiração muito grande por vocês. Vocês me inspiram a ser uma pessoa de luz e a investir cada vez mais nessa jornada acadêmica.

As minhas participantes, meus passarinhos, que me receberam e acolheram em seus ninhos e compartilharam comigo os diversos tons dos cantos das suas vidas. Sou muito grata por esse privilégio que foi ouvir a voz de vocês.

À FACEPE, pelo incentivo em mim depositado através do financiamento da bolsa de estudos.

RESUMO

O aumento da longevidade humana está acarretando a maior possibilidade de convivência entre as gerações de uma mesma família. Muitas vezes, devido a diversos fatores que serão apresentados ao longo desta dissertação, tem aumentado também o número de filhos que voltam a morar no lar paterno, trazendo seus próprios filhos, fenômeno denominado recoabitação. Com o crescimento desses lares multigeracionais, muitos idosos são os chefes da família e sustentam seus filhos, netos e até bisnetos. Este tipo de arranjo tanto pode ser fonte de apoio e ajuda mútua, como de conflitos e tensões. Neste contexto, o presente estudo teve como objetivo geral compreender como idosas, que são avós e residem em lares multigeracionais, a partir da recoabitação por parte dos filhos, vivenciam e percebem essa situação. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa da qual participaram nove idosas residentes no município de Vitória de Santo Antão/PE. Essas participantes responderam a um questionário sociodemográfico e a uma entrevista semiestruturada. A entrevista foi gravada, transcrita e, posteriormente, analisada segundo a técnica de análise de conteúdo temática. Os resultados apontaram que: 1) o principal motivo que mobilizou a recoabitação foi a separação/divórcio dos filhos; 2) a maioria das idosas nutria um sentimento de satisfação e conformidade com a recoabitação, devido à ideia de que a mãe deve sempre acolher seus filhos e netos; 3) a volta dos filhos e netos à casa materna ocasionou mudanças tanto na estrutura física da casa, como no dia a dia das idosas, com o acréscimo de afazeres domésticos e de compromissos no cuidado dos netos; 4) grande parte das participantes se considerou a pessoa que estabelece as normas de funcionamento do lar; 5) a coresidência não é garantia de uma relação amistosa entre as gerações; 6) as maiores dificuldades citadas foram as divergências no que se refere à educação dos netos, ao aumento de responsabilidades domésticas e à rebeldia dos netos; 7) as idosas indicaram a companhia dos filhos e netos como o principal benefício da recoabitação; 8) as expectativas em relação a si mesmas envolvem ter saúde e disposição para trabalhar, enquanto para os filhos apresentaram o desejo de que eles se casem novamente e que os netos continuem os estudos; 9) a recoabitação refletiu a preferência de algumas idosas, devido à satisfação de estar mais próxima dos seus filhos e netos, já em outros casos percebeu-se que a coresidência foi uma falta de opção, diante do sentimento de “obrigação materna” de acolher seu filho. Desse modo, os resultados evidenciam a necessidade de se cultivar laços de afetividade que deem suporte para a solução de conflitos nesse tipo de arranjo familiar, bem como fortaleçam as relações intergeracionais.

PALAVRAS-CHAVE: idosos; família; avós; relação entre gerações.

ABSTRACT

The increase of human longevity is bringing a greater possibility of coexistence between the generations of the same family. Often, due to several factors that will be presented throughout this dissertation, the number of children who return to their paternal home has also increased, bringing their own children, a phenomenon known as recohobitation. With the growth of these multigenerational households, many seniors are the heads of the family and support their children, grandchildren and even great-grandchildren. This type of family arrangement can both be a source of support and mutual help, as well as of conflicts and tensions. In this context, the present study had as general objective to understand how the elderly, who are grandmothers and reside in multigenerational households, from the recohobitation by the children, experience and perceive this situation. This is a qualitative research involving nine elderly women living in the city of Vitória de Santo Antão/PE. These participants answered a sociodemographic questionnaire and a semi-structured interview. The interview was recorded, transcribed and later analyzed according to the thematic content analysis technique. The results showed that: 1) the main reason that mobilized the recohobitation was the separation/divorce of the children; 2) the majority of the elderly women had a feeling of satisfaction and conformity with the recohobitation, due to the idea that the mother should always welcome her children and grandchildren at home; 3) the return of the children and grandchildren to the maternal home caused changes both in the physical structure of the house and in the daily life of the elderly, with the addition of domestic tasks and commitments in the care of the grandchildren; 4) most of the participants considered themselves the person who establishes the norms of home functioning; 5) co-residence is not a guarantee of a friendly relationship between the generations; 6) the greatest difficulties cited were the differences regarding the education of the grandchildren, the increase of domestic responsibilities and the rebellion of the grandchildren; 7) the elderly indicated the company of their children and grandchildren as the main benefit of recohobitation; 8) expectations for themselves involve being healthy and willing to work, while for the children they have expressed a desire to remarry and for the grandchildren to continue their studies; 9) the recohobitation reflected the preference of some elderly women, due to the satisfaction of being closer to their children and grandchildren, in other cases it was perceived that it was a lack of choice, due to the feeling of "maternal obligation" to receive their children. Thus, the results highlight the need to cultivate affection bonds that support conflict resolution in this type of family arrangement, as well as strengthen intergenerational relationships.

KEYWORDS: elderly; family; grandparents; relationship between generations.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. ASPECTOS HISTÓRICO-SOCIAIS DO ENVELHECIMENTO E DA VELHICE.....	13
3. LARES MULTIGERACIONAIS POR RECOABITAÇÃO	22
4. CAMINHOS PERCORRIDOS	31
4.1. Objetivos.....	31
4.2. Método.....	31
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	35
5.2. Os passarinhos e seus ninhos: caracterizando as participantes.....	35
5.3. Ouvindo o canto dos passarinhos: informações colhidas nas entrevistas.....	40
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS.....	58
APÊNDICES	63
ANEXO	67

1. INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional faz parte da realidade de grande parte das sociedades, incluindo a brasileira, e tende a ficar mais marcante nas próximas décadas (IBGE, 2015). Este fenômeno é uma resposta às mudanças de indicadores de saúde, principalmente a queda da fecundidade e da mortalidade e ao aumento da expectativa de vida (BRASIL, 2007). Segundo os dados da “Síntese de Indicadores Sociais” (IBGE, 2015), em 2030, a proporção de idosos será de 18,6% e, em 2060, de 33,7%. Portanto, trata-se do grupo etário que mais cresce na população, sendo justificável um olhar atento para as questões sociais e de saúde que afetam esse público.

Devido ao aumento desse grupo etário, houve algumas mudanças na estrutura e na dinâmica das famílias, como o crescimento na proporção de domicílios com três ou mais gerações convivendo juntas, denominado pela literatura como lares multigeracionais (CAMARANO; EL GHAOURI, 2003). Além disso, os indicadores sociais apresentam um aumento de idosos que são as pessoas de referência das residências, bem como uma maior participação do rendimento deste grupo etário no orçamento geral da família (IBGE, 2013).

Nesse contexto familiar, faz-se importante destacar a diferença trazida pelas pesquisadoras Camarano e El Ghaouri (2003) entre as “famílias com idosos” e “famílias de idosos”. A primeira trata-se das famílias em que os idosos são dependentes de familiares que chefiam o domicílio; já a segunda constitui as famílias nas quais os idosos são os chefes ou o cônjuge. Outra distinção essencial para a compreensão desta pesquisa consiste no conceito de “coabitação permanente”, onde as gerações sempre conviveram juntas; e da “recoabitação”, no qual houve um distanciamento físico entre as gerações, mas que, por algum motivo, voltaram a conviver juntas (ATTIAS-DONFUT, 1995 apud PEIXOTO; LUZ, 2007).

A existência de lares multigeracionais devido ao retorno dos filhos à casa materna/paterna não é um fenômeno recente, mas vem sendo constatado um crescimento deste comportamento tanto nas classes sociais mais desfavorecidas quanto nas camadas médias (PEIXOTO; LUZ, 2007). Nos poucos estudos específicos sobre a volta dos filhos com os netos à casa dos pais, esse tipo de arranjo familiar aparece associado à necessidade de algumas famílias de buscar melhores condições de vida após algum momento de crise, como divórcio, desemprego e/ou problemas de saúde (CAMARANO; EL GHAOURI, 2003; DIAS et al., 2011; PEIXOTO; LUZ, 2007; RAMOS, 2012). Neste contexto, na perspectiva da pessoa idosa, convém questionar se essa coresidência reflete suas preferências ou consiste em uma falta de opção, diante de pressões econômicas, sociais e/ou de saúde.

Diante do exposto, a presente pesquisa teve como objetivo geral compreender como as idosas que são avós e residem em lares multigeracionais, a partir da recoabitação dos filhos, vivenciam e percebem essa situação. Especificamente almejou-se: caracterizar os motivos que levaram as idosas a participar de um lar multigeracional; verificar as mudanças ocasionadas devido à recoabitação; identificar quem exerce a autoridade na casa; perceber como se configuram os relacionamentos entre os membros da família e os sentimentos experimentados por essas idosas; identificar os fatores que geram conflitos ou que facilitam a convivência da idosa nesse tipo de arranjo familiar e conhecer quais são as expectativas dessas idosas quanto ao futuro da família.

Esta dissertação apresenta-se composta por quatro capítulos: o primeiro versa sobre os aspectos histórico-sociais presentes no processo de envelhecimento e na velhice, no qual mapeamos os indicadores demográficos, os tipos de lares com idosos e as mudanças que vêm sendo observadas no tocante a essa etapa do ciclo de vida. O segundo capítulo consiste na apresentação das características gerais dos lares multigeracionais decorrentes da recoabitação, tomando como referencial teórico conceitos da Teoria dos Sistemas e da Abordagem Transgeracional aplicada à família. O terceiro retoma os objetivos e aborda o método utilizado nesta pesquisa. O quarto capítulo trata da apresentação dos resultados e da discussão das informações colhidas nas entrevistas, fazendo um entrelaçamento com os teóricos estudados. Por último, são tecidas as considerações finais sobre este estudo.

O interesse pelo tema no campo do envelhecimento surgiu a partir de uma vivência profissional como psicóloga em um Centro de Referência da Assistência Social (CRAS), onde foram desenvolvidos grupos com idosos e seus familiares no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV). Os encontros tinham o objetivo de promover o envelhecimento saudável e a autonomia, fortalecer os vínculos familiares e comunitários, prevenir situações de risco e vulnerabilidade social, de acordo com o que está preconizado na proposta do SCFV.

Cientificamente este estudo é relevante por contribuir com a ampliação do conhecimento sobre a dinâmica desse tipo tão específico de arranjo familiar e, quem sabe, incentivar a produção de novos trabalhos e intervenções, que visem contemplar o contingente de idosos que chefiam lares multigeracionais.

2. ASPECTOS HISTÓRICO-SOCIAIS DO ENVELHECIMENTO E DA VELHICE

O envelhecimento é um processo natural que apresenta mudanças gradativas e inevitáveis relacionadas à idade. Nesse fenômeno progressivo ocorrem desgastes orgânicos que repercutem no contexto cultural, social e emocional das pessoas. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2015, p. 3):

a perda das habilidades comumente associada ao envelhecimento na verdade está apenas vagamente relacionada com a idade cronológica das pessoas. Não existe um idoso “típico”. A diversidade das capacidades e necessidades de saúde dos adultos maiores não é aleatória, e sim advinda de eventos que ocorrem ao longo de todo o curso da vida e frequentemente são modificáveis, ressaltando a importância do enfoque de ciclo de vida para se entender o processo de envelhecimento.

Santos (2006), a partir de uma visão histórica e contextual do envelhecimento, indica que, no início da civilização, o idoso que não conseguisse acompanhar o grupo, na peregrinação em busca de sobrevivência, era abandonado e esquecido durante o caminho. Assinala, ainda, que com o processo de evolução, os idosos buscaram novas formas de valorização do seu papel a partir da transmissão de conhecimentos e experiências, ensinando táticas de sobrevivência (caça, medicamentos, clima, colheita), entre outras. Atualmente, ainda existem comunidades pré-industrializadas e indígenas que percebem os idosos como pessoas que representam a tradição do saber individual e coletivo.

Em consonância com essa perspectiva, Helman (2005) esclarece que o conceito de idoso difere amplamente entre as sociedades. Nas pequenas sociedades tradicionais, os idosos são respeitados a partir da sua atuação na transmissão oral de legado e sabedoria. Ao contrário do padrão tradicional, na sociedade moderna os jovens são os que apresentam maiores habilidades para lidar com as rápidas mudanças que vêm ocorrendo no dia a dia. Com isso, muitas vezes, é atribuído menor prestígio aos idosos por serem considerados menos propensos a assimilar as últimas inovações tecnológicas.

Uchôa (2003) reflete que os estudos antropológicos questionaram a visão universal do envelhecimento restrita apenas à dimensão biológica de deterioração do corpo e, conseqüentemente, associada ao declínio. Em contrapartida, a referida autora indica que em sociedades não ocidentais, os idosos possuem uma imagem mais positiva. Nesta perspectiva, ressalta que no instante em que foram documentadas as diversas formas culturais de lidar com o envelhecimento, verificou-se que esse fenômeno não é apenas natural e biológico, mas também sofre muitas influências do meio cultural e social.

O aumento significativo da população idosa, somado à diminuição das taxas de fecundidade e ao desenvolvimento tecnológico e terapêutico de tratamentos de doenças, produziu efeitos na estrutura etária da população (CIOSAK et al., 2011). Assim, é inegável que a longevidade constitui um triunfo, entretanto, existem diferenças desse fenômeno entre os países desenvolvidos e os países em desenvolvimento. Se nos países desenvolvidos o envelhecimento populacional cresceu interligado com melhorias nas condições gerais de vida, nos outros, esse fenômeno ocorreu rapidamente, sem que houvesse um replanejamento social que viabilizasse atender às novas demandas (BRASIL, 2007).

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), estima-se que, até 2025, o Brasil será o sexto país do mundo com maior número de idosos. Este fenômeno revela uma conquista da humanidade e ao mesmo tempo consiste em um dos grandes desafios (ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DE SAÚDE, 2005). Dessa forma, amplia-se a necessidade de realização de estudos e desenvolvimento de ações que considerem as demandas sociais relacionadas a essa geração (SILVA, 2009).

Camarano, Kanso e Mello (2004), no capítulo “Como vive o idoso brasileiro?”, expõem alguns dados sociodemográficos a respeito desse fenômeno, tomando como referência o Censo de 2000 (IBGE). Em linhas gerais, com relação à composição por sexo e idade, percebe-se a maior proporção de mulheres idosas, assim como o grupo de idosos mais velhos (acima de 80 anos) passou a ter maior representatividade. Mostra-se imperioso destacar o fenômeno da “feminização da velhice”, no qual as autoras destacam que a predominância feminina está associada a uma maior mortalidade masculina devido a diferenças de gênero nas condições de vida de homens e mulheres. Assinalam, ainda, que “mulheres idosas experimentam uma probabilidade maior de ficarem viúvas e em situação socioeconômica desvantajosa” (p. 30). Por outro lado, elas são as que mais estão atuando em atividades extradomésticas, em organizações e movimentos de mulheres, realizando cursos específicos, viagens e ocupações temporárias remuneradas. Na contramão da função que desenvolveram na vida adulta, exercem, gradativamente, o papel de chefes e provedoras da família. Com relação à cor/raça, a distribuição da população idosa possui predominância da população de cor branca, seguida pela parda.

Dados mais recentes, encontrados na “Síntese de Indicadores Sociais” (IBGE, 2013), corroboram com o que foi apresentado pelas autoras, mostrando algumas características mais predominantes das pessoas de 60 anos ou mais, como: 59,1% são aposentadas, 43,5% possuem renda domiciliar *per capita* de até um salário mínimo, 34,6% possuem de quatro a oito anos de

estudo, 64,2% são pessoas de referência do domicílio, 54,4% são da cor/raça branca e 55,7% são mulheres. As regiões Sudeste e Sul são consideradas as mais envelhecidas do país, possuindo, em 2014, um contingente de idosos de 15,2% e 15,1% respectivamente (IBGE, 2015).

Nos dias atuais percebe-se um aumento dos termos empregados para nomear as pessoas acima de 60 anos. Dentre os conceitos mais utilizados estão: terceira idade, melhor idade, idoso, adulto maduro, velho, meia-idade, idade maior e idade madura (NERI; FREIRE, 2000). Segundo Gibson (2000 apud SCHNEIDER, IRIGARAY, 2008), comportamentos preconceituosos e estereótipos sociais também estão inseridos na linguagem como, por exemplo, pessoas rejeitam a nomeação “velha” por estar socialmente associada a aspectos negativos de algo ultrapassado, antigo e desgastado.

Nesse sentido outros termos foram surgindo, entretanto, Neri e Freire (2000) alertam para o fato de que a substituição do “velho” por “idoso” ou “melhor idade”, por exemplo, já insinua a presença de preconceito, pois, pelo contrário, não haveria necessidade de trocar as palavras. As autoras ainda salientam que o termo “terceira idade”, originado na França na década de 1960, traz também uma conotação negativa, pois ele foi criado para denominar a faixa etária intermediária entre a idade adulta e a velhice. Dessa forma, apresenta a ideia de que quem está na terceira idade não é velho, reforçando ainda mais o preconceito. Em vista disso, o uso de tantos termos e expressões objetiva que eles tenham repercussão e ofusquem o preconceito, no entanto, nega a realidade. Em outras palavras, caso não houvesse preconceitos, não haveria necessidade de disfarçar por meio da linguagem (ARAÚJO; CARVALHO, 2005; NERI; FREIRE, 2000). Como se observa, a criação desses múltiplos conceitos manifesta o quanto o processo de envelhecer é complexo, negado, evitado e temido.

De acordo com o exposto, os progressos médicos e a melhoria das condições de vida possibilitaram o prolongamento cada vez maior da média de vida das pessoas. Nesta perspectiva, a compreensão desse fenômeno deve ser analisada em suas diversas nuances: fisiológica ou biológica, psicológica e social.

Sabe-se que todo o organismo multicelular possui limitações no seu tempo de vida passando por alterações fisiológicas ao longo do tempo, tendo em vista que a vida é dividida em três fases: desenvolvimento, reprodução e envelhecimento ou senescência. Na primeira fase acontece o desenvolvimento dos órgãos e o crescimento das capacidades funcionais. Posteriormente, a capacidade de reprodução do sujeito, que garante a sobrevivência e evolução da espécie. A última fase apresenta uma redução da capacidade funcional desse organismo.

Esses processos são interacionais, começando em diferentes períodos e ritmos, ocasionando diferentes resultados no funcionamento do organismo (MAIA et al., 2006).

Segundo Carvalho (2012), essa última fase do ciclo vital está relacionada a eventos de natureza múltipla, ocorrendo perdas e ganhos. As características do processo de envelhecimento comportam distinções individuais e de grupos etários que dependem dos aspectos genético-biológicos, sociohistóricos e psicológicos. Assim, a partir do momento em que esse processo se estende, são realizadas algumas subdivisões como a velhice inicial, média e avançada (DAVIDOFF, 2001). Nesse contexto, compreende-se que o envelhecimento é um conjunto de processos vivenciados pelos organismos após uma fase de desenvolvimento. Dessa forma, o envelhecimento e o desenvolvimento são fenômenos dinâmicos que coexistem ao longo da vida gerando, assim, transformações de natureza biológica, psicológica e social (CARVALHO, 2012; DUARTE, 1999; FONTAINE, 2010).

Portanto, biologicamente falando, de acordo com Carvalho (2012), no envelhecimento ocorre o declínio das capacidades cognitivas relacionadas ao processamento de informações, memória e aprendizagem, devido a mudanças sensoriais e neurológicas. Contudo, as capacidades que são influenciadas por aspectos culturais podem evoluir ou permanecer conservadas, como no contexto profissional, de lazer, da arte ou na condução de demandas existenciais. Conforme sustenta Freire (2000, p. 22):

Sabe-se hoje que a velhice não implica necessariamente em doença e afastamento, que o idoso tem potencial para mudança e muitas reservas inexploradas. Assim, os idosos podem sentir-se felizes e realizados e, quanto mais atuantes e integrados em seu meio social, menos ônus trarão para a família e para os serviços de saúde.

Segundo Ciosak et al. (2011), o envelhecer normal está relacionado com a capacidade de adaptação das pessoas aos processos e mudanças do meio ambiente. Diante desse quadro, cada indivíduo envelhece de forma distinta, dependendo de diversos fatores como: sexo, origem, ambiente em que vive, características da família, aptidões para a vida, experiências vivenciadas, entre outros. Ainda segundo os autores, o estresse, o tabagismo, a falta de exercícios e/ou nutrição inadequada constituem outros aspectos que influenciam a qualidade do envelhecimento.

Conforme aduzido anteriormente, cada pessoa envelhece ao seu modo, logo, não se pode falar em “velhice” e sim em “velhices”. Nesse contexto, é importante distinguir o envelhecimento natural do envelhecimento patológico, sendo a senescência ou senectude considerado o processo natural e saudável do envelhecimento, sem comprometimentos graves

na manutenção das necessidades básicas da vida. Já a senilidade constitui o processo de envelhecimento relacionado às alterações advindas de patologias (FONTAINE, 2010).

Em suma, de acordo com Ministério da Saúde (BRASIL, 2007), o envelhecimento pode ser compreendido como um processo natural, de uma progressiva redução do aspecto funcional do indivíduo, alterações estas que não costumam provocar problemas (senescência). Ao passo que, a partir de situações de risco e sobrecarga (doenças, acidentes e estresse) pode-se gerar uma condição patológica que necessite de assistência (senilidade). É importante destacar que algumas mudanças do processo de senescência podem ter seus impactos reduzidos dependendo do estilo de vida adotado pelo idoso.

A literatura registra que o conceito de idade é multidimensional e, na perspectiva do envelhecimento, ele apresenta outros aspectos e significados que vão além das dimensões da idade cronológica. De modo que o envelhecimento humano pode ser analisado como um processo multifacetado composto por diferentes idades: cronológica, biológica, psicológica e social (CARVALHO, 2012; FONTAINE, 2010; SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008).

A idade cronológica refere-se à mensuração de tempo em dias, meses e anos, a partir do nascimento. Consiste no meio mais usual e simples de obter informações de uma pessoa. Dessa forma, não é a melhor maneira de medir o desenvolvimento humano, pois o tempo não é essencialmente absoluto e objetivo, pelo contrário, ele é relativo e subjetivo. Schneider e Irigaray (2008) referem que existem várias formas de conceituar a velhice. Dentre elas está a definição da Organização Mundial da Saúde (OMS), que se baseia na idade cronológica e que considera que ela se inicia aos 65 anos nos países desenvolvidos e aos 60 anos nos países em desenvolvimento.

No processo do envelhecimento, a idade cronológica não acontece obrigatoriamente em consonância com a idade biológica, pois ela não abrange o índice de desenvolvimento fisiológico, psicológico e social da pessoa. Conforme apontam Hoyer e Roodin (2003 apud SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008), o número de anos de vida consiste apenas em um marcador aproximado do processo que interfere no comportamento no decorrer do tempo.

A idade biológica, de acordo com Fontaine (2010), está relacionada ao envelhecimento orgânico, no qual cada órgão passa por alterações que interferem na capacidade de autorregulação. Nesse sentido, as modificações corporais e mentais não ocorrem no mesmo ritmo e podem ser analisadas como um processo que se inicia antes do nascimento e se expande até o final da vida (CARVALHO, 2012; SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008). Segundo Carvalho (2012), o grau de conservação do nível de capacidade adaptativa, em paralelo com a idade

cronológica, é considerado como idade funcional, que se caracteriza pela capacidade e independência funcional, ou seja, a possibilidade do indivíduo sobreviver sem depender de terceiros para realizar atividades básicas e de autocuidado.

A idade psicológica está relacionada a dois significados. O primeiro refere-se a uma relação do aspecto biológico e as capacidades psicológicas, como a percepção, memória e aprendizagem (NERI, 2014). Estudos mostram que essa idade consiste nas competências mentais que a pessoa possui frente às mudanças no contexto que vive, ou seja, capacidades adaptativas diante das exigências do meio (FONTAINE, 2010; FREIRE, 2000). O segundo significado para idade psicológica apresenta relação com a percepção subjetiva que cada pessoa tem da sua idade, logo irá depender de como o indivíduo avalia e compara a presença ou não de aspectos biológicos, psicológicos e sociais (NETTO, 2005; NERI, 2014).

De acordo com Schneider e Irigaray (2008), a idade social consiste no exercício de papéis ou experiências atribuídas a pessoa da mesma idade, constituindo-se de hábitos e *status* social de acordo com a cultura e grupo social aos quais está inserida. Portanto, uma pessoa pode ser considerada mais velha ou mais nova decorrente de como se configura o seu comportamento dentro da classificação social do ambiente em que vive.

Vestimentas, hábitos e linguagem são exemplos de performances individuais relacionados aos papéis sociais exercidos. Assim, segundo Fontaine (2010, p. 23), “a idade social está então ligada ao papel e ao status que a nossa comunidade nos atribui em função do nosso grupo de idade”.

Socialmente, pode-se inferir que a pessoa é definida como idosa a partir do momento em que deixa o mercado de trabalho, isto é, quando se aposenta e deixa de ser economicamente ativa. A sociedade atribui aos aposentados o rótulo de improdutivos e inativos. Com a aposentadoria, muitas vezes se percebe um rompimento abrupto das relações sociais com outras pessoas com as quais o indivíduo conviveu durante muitos anos. Ocorreu ainda, uma redução salarial considerável e a falta de atividades alternativas fora do ambiente de trabalho (SCHNEIDER, IRIGARAY, 2008, p. 590-591).

Em relação ao aludido pressuposto, os antropólogos compreendem que a idade é uma construção social. Minayo e Coimbra Junior. (2002) apontam que o processo biológico traz mudanças reais que podem ser vistas através de sinais do corpo e, ao mesmo tempo, é constituído e elaborado simbolicamente por rituais que demarcam as fronteiras etárias. Em vista disso, os autores afirmam que esse processo não é igual em todas as sociedades, pois, em momentos históricos distintos, concedem uma significação específica às etapas do ciclo da vida, atribuindo papéis e funções.

Neste vértice, Camarano e Pasinato (2004) apresentam que o idoso, em termos estritos, consiste naquele que possui “muita” idade, sendo o “muita” relacionado a uma carga valorativa. Esses valores dependem de características particulares de cada contexto das pessoas, do mesmo modo que a definição de idoso não se refere a um indivíduo isolado, mas à sociedade de modo geral. Nesse sentido, as autoras salientam que declarar que a idade cronológica é o critério universal de categorização para a população idosa é correr o risco de anunciar que pessoas de lugares e épocas diferentes são homogêneas.

Acerca do tema em apreço, Gusmão (2001, p. 123), afirma que

Tais circunstâncias exigem que se olhe para determinadas realidades empíricas, a fim de fazer-lhes uma leitura que revele o lugar do velho e da velhice. Uma leitura que mostre alternativas de inserção social do velho, que rompa com os papéis previstos e prescritos, impondo uma rebeldia que inove, conteste e mostre ser possível à velhice atitudes e comportamentos marcados por ações e iniciativas inteiramente outras e, portanto, transformadoras.

Sendo assim, o envelhecimento é um processo natural e gradativo de todo ser humano, no qual o contexto social, cultural, econômico e ambiental pode qualificar ou prejudicar esse processo. Dessa forma, o apoio do âmbito familiar e social são elementos essenciais para que a pessoa idosa vivencie este momento de forma satisfatória e saudável (AREOSA; BENITEZ; WICHMANN, 2012).

Na visão de Schneider e Irigaray (2008), a velhice é uma experiência individual que pode ser vivenciada de maneira positiva ou negativa, levando em consideração as histórias de vida das pessoas e como é a concepção de velhice na sociedade em que vive. Desta forma, o processo de envelhecer não é um acontecimento homogêneo, pois envolve uma diversidade de histórias de vida e necessidades distintas que influenciam no modo como os idosos se relacionam na família e como eles enxergam a vida e o próprio envelhecimento.

Em se tratando de modos de enxergar a própria vida, Berger (1989) apresenta que as pessoas definem a si mesmas com base nos papéis que assumem, e assim, conseqüentemente, são constituídos o seu lugar no meio social. Esses papéis também são desenvolvidos no decorrer da vida pelo próprio indivíduo, desempenhando funções relevantes nos diversos contextos sociais, influenciando na construção da identidade e da autoestima.

Nesse sentido, em uma sociedade capitalista, de valorização da produção e do trabalho, o idoso encontra-se excluído, já que não faz mais parte da rede de trabalho. Essa perspectiva é importante para compreender a visão de pessoa, de família e sociedade que constitui a subjetividade de cada idoso (BOSI, 2004). Para a referida autora, é preciso conceber o envelhecimento como um processo de desenvolvimento contínuo e singular.

A partir desse pensamento, Martins (2013, p. 219) afirma que

em uma perspectiva histórico cultural, pode-se pensar a velhice ou o envelhecimento humano, não como categoria universal, mas como fenômenos construídos histórica e socialmente no transcorrer da evolução da humanidade. Desse modo entende-se que o envelhecimento constitui-se em categoria elaborada diferentemente e simbolicamente por cada pessoa em desenvolvimento e em cada momento histórico diferente.

As novas imagens do envelhecimento apresentam transformações sociais que reconstróem identidades, ocasionando uma rediscussão sobre as categorias de família e envelhecimento no contexto da dependência/interdependência geracional (PACHECO; ALVES, 2012). As autoras ainda salientam que essas mudanças sociais da família contemporânea influenciam na redefinição dos relacionamentos familiares, modificando o dia a dia dos vínculos internos e trazendo uma nova figura do idoso, ou seja, rearranjos de papéis e funções que refletiram no contexto da pessoa idosa.

De acordo com o “Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde” (OMS, 2015), ao longo do tempo, houve mudanças na percepção do envelhecimento, dentre elas está que a idade avançada não significa dependência. Este é um estereótipo de discriminação etária generalizado que leva à suposição de que pessoas mais velhas são sempre dependentes e fardos para a suas famílias e para a sociedade. Esse pensamento presente no imaginário social ignora as contribuições das pessoas idosas para a economia e em outros cenários como, por exemplo, o apoio emocional fornecido em situações de estresse ou desamparo na família.

Guerra e Caldas (2010), apontam que, na maioria das vezes, o olhar preconceituoso sobre o envelhecimento provém da escassez de informações acerca desse processo, ocasionando a construção de significados e imagens negativas que afetam a vivência e a relação entre as pessoas. Esta significação do processo de envelhecimento gera uma imagem preconcebida que pode ou não levar à exclusão, influenciando o modo como o idoso é valorizado na comunidade.

Neste contexto, Camarano e El Ghaouri (2003), em uma breve revisão bibliográfica sobre a organização das famílias com e de idosos em vários países do mundo, apresentam que com o envelhecimento populacional houve o crescimento de famílias unipessoais de idosos, seja por viuvez, divórcio ou por nunca terem casado. Outros dados da pesquisa apresentam que a universalização da seguridade social, melhorias nas condições de saúde e os avanços tecnológicos podem estar indicando para os idosos que viver só constitui uma maneira inovadora e bem-sucedida de envelhecer, ao invés do abandono e solidão (CAMARANO, EL GHAOURI, 2003).

Para além da perspectiva de perdas e declínio, muitos estudos vêm buscando identificar e ressaltar as virtudes dessa fase da vida (AREOSA; BENITEZ; WICHMANN, 2012; CARVALHO, 2012; FREIRE, 2000; NERI, 2014; TEIXEIRA, NERI, 2008). Com esta visão, o envelhecimento não resulta obrigatoriamente em doenças e afastamento, posto que a pessoa idosa tem potencial para gerar mudanças em si mesma e na sua vida, possuindo reservas inexploradas. Assim como, se faz necessário realizar uma leitura do lugar do idoso no contexto social buscando modificar a visão universal, biológica e negativa dessa fase da vida.

Em síntese, a etapa da vida caracterizada como velhice, possui suas especificidades, sendo necessário que seja compreendida através da sua relação com os diferentes aspectos cronológicos, biológicos, funcionais, psicológicos e sociais. Esse processo estrutura-se a partir dos aspectos culturais em que o idoso está inserido. Portanto, as condições históricas, políticas, econômicas, geográficas e culturais constituem e influenciam as diversas representações sociais do envelhecimento e da pessoa idosa. Dessa forma, ocorre uma correlação entre o significado da velhice para uma sociedade e os comportamentos diante da população idosa.

As diversas pesquisas supracitadas permitem que sejam realizadas algumas considerações importantes acerca da concepção do envelhecimento, sendo possível identificar que o envelhecimento possui características heterogêneas quanto aos aspectos cognitivos, físicos e de personalidade. Compreendendo que as alterações decorrentes da idade não estão necessariamente determinadas pelos fatores biológicos, bem como é possível perceber o processo de envelhecer de diversas maneiras dependendo da forma que se concebe o conceito de idade.

Diante desse cenário, é possível notar que o aumento da população idosa acarretou algumas mudanças na dinâmica familiar, como o crescimento da proporção de lares multigeracionais, onde muitas vezes o idoso é a pessoa de referência do domicílio. Esse tipo de configuração familiar aparece associado também à necessidade das gerações mais novas diante de situações de crise como, por exemplo, a dissolução do casamento, que leva o (a) filho (a) a retornar à casa materna/paterna, trazendo os próprios filhos (CAMARANO; EL GHAOURI, 2003). Nesse contexto, do ponto de vista do idoso, os estudos não revelam se os arranjos familiares refletem suas preferências quanto à coresidência ou se são resultado de pressões econômicas, sociais e/ou de saúde, refletindo uma falta de opção. A partir do exposto, esse tipo de arranjo familiar será abordado mais detalhadamente no próximo capítulo.

3. LARES MULTIGERACIONAIS POR RECOABITAÇÃO

O aumento da população idosa reflete as mudanças demográficas que vêm ocorrendo no país e, conseqüentemente, traz alterações no âmbito familiar, como, por exemplo, uma maior proporção de lares em que convivem duas ou mais gerações. Na literatura científica, esse tipo de configuração familiar tem sido nomeado de diversas maneiras, como: *corresidência*, *coabitação* (CAMARANO; EL GHAOURI, 2003), *família multigeracional* (KEMP, 2007), *família de três gerações* (GOODMAN, 2007) e *coabitação* ou *família ampliada* (PEIXOTO; LUZ, 2007). A literatura ainda apresenta a diferença entre a *coabitação permanente*, onde as gerações sempre moraram juntas; e a *recoabitação*, que implica ter ocorrido um afastamento físico entre as gerações, mas que, por algum motivo, voltam a morar juntas (ATTIAS-DONFUT, 1995 apud PEIXOTO; LUZ, 2007).

Os estudos também diferenciam *família com idosos*, aquelas em que os idosos dependem de familiares que chefiam a família, e a *família de idosos*, nas quais o idoso é o chefe ou cônjuge (CAMARANO; EL GHAOURI, 2003). Segundo Dias e Costa (2006), os motivos predominantes que levam a esses dois tipos de arranjos familiares são diferentes: o que acarreta a *corresidência* é o fato de o filho adolescente ou adulto já conviver com os pais, ter um filho e continuar morando com eles; no segundo caso, o filho por algum motivo volta para a casa dos pais com seus próprios cônjuges e filhos.

De acordo com Camarano et al. (2004) e Oliveira (2011), até alguns anos atrás, a formação dos lares multigeracionais era compreendida como uma necessidade econômica e de saúde das pessoas idosas. Esta concepção considerava os idosos como pessoas dependentes e vulneráveis, em que os membros da família precisariam ampará-los (CAMARANO, et al., 2004). Entretanto, pesquisas recentes colocam em questão essa visão de vulnerabilidade dos idosos, apresentando algumas mudanças significativas na dimensão do apoio familiar e nas condições de vida das pessoas idosas (GUERRA; CALDAS, 2010; OMS 2015; PACHECO; ALVES, 2012; SAAD, 2004).

Desta forma, Santana e Sena (2003) afirmam que, gradativamente, começou a se construir uma nova imagem sobre o idoso, atribuindo-lhe novos significados e valores que se diferenciam dos antigos conceitos sobre envelhecer. Essas novas imagens do envelhecimento apresentam transformações sociais que reconstróem identidades, ocasionando uma rediscussão sobre as categorias de família e envelhecimento no contexto da dependência/interdependência geracional (PACHECO; ALVES, 2012).

Nesse contexto, Sommerhalder e Nogueira (2000, p. 109) afirmam que:

Além da apresentação de modelos mais positivos de velhice, os estudos reafirmam a importância do relacionamento entre as gerações como maneira mais eficiente para formar percepções positivas em relação à velhice. Esse pode ser um meio para amenizar os preconceitos, aliviar possíveis tensões entre as gerações, proporcionar consciência histórica de passado, presente e futuro e, principalmente, compartilhar a diversidade cultural de valores e estilos de vida.

Camarano e El Ghaouri (2003) expõem que ocorreram mudanças importantes na dinâmica familiar devido ao aumento na proporção de lares com três gerações corresidentes, em que, atualmente, muitos idosos são chefes de família e sustentam seus filhos, netos e até bisnetos. As autoras argumentam que, em vários países, a coresidência não acontece apenas por necessidades dos idosos, mas também pelas necessidades da população mais jovem. Verifica-se que esses jovens estão permanecendo mais tempo dependentes financeiramente dos seus pais devido às instabilidades do mercado de trabalho, maior necessidade de aperfeiçoamento profissional e relações afetivas instáveis (CAMARANO; EL GHAOURI, 2003).

A recoabitação por parte dos filhos na casa dos seus pais não é um fenômeno muito recente. A novidade é o crescimento dessa prática tanto nas famílias de classe popular quanto nas de classe média, devido a períodos anteriores de crescimento econômico que favoreceu as gerações mais velhas (PEIXOTO; LUZ, 2007). Neste sentido, a melhoria na situação financeira das pessoas idosas compensou a instabilidade e precarização da situação econômica vivenciada pelas gerações mais jovens.

Dados do IBGE (2013) vêm mostrando um crescimento de idosos como pessoas de referência dos domicílios (64,2%) e uma maior participação do rendimento dos idosos no orçamento da família. Camarano (2004) e Coutrim (2006) afirmam que, ao longo dos últimos anos, os idosos brasileiros adquiriram uma estabilidade financeira por meio da ampliação do acesso às aposentadorias e pensões e, assim, o papel do idoso na família se modificou, assumindo, muitas vezes, a posição de poder e referência no âmbito familiar.

Corroborando com essa questão, Camarano (2002, p. 4) aponta que:

Nos últimos 20 anos, o idoso brasileiro teve a sua expectativa de sobrevida aumentada, reduziu o seu grau de deficiência física ou mental, passou a chefiar mais suas famílias e a viver menos na casa de parentes. Também passou a receber um rendimento médio mais elevado, o que levou a uma redução no seu grau de pobreza e indigência. Essas considerações levam à dificuldade de se pensar essa relação entre envelhecimento e dependência como produto de um único fator agindo continuamente. Esse é um fenômeno bastante complexo e sujeito à ação de vários fatores em interação.

Neste viés, a aposentadoria exerce um papel importante na renda dos idosos e essa importância aumenta com a idade. Como muitas vezes uma boa parte da renda familiar depende

da renda do idoso, o Estado, ao alterar os benefícios previdenciários, não irá apenas atingir as pessoas idosas, mas também uma parte razoável dos rendimentos das famílias (CAMARANO, 2002).

Inúmeros fatores podem levar os filhos e netos a residir novamente com os pais. No Brasil, essa organização familiar vem sendo relacionada, principalmente, ao desejo das famílias de buscar uma melhor condição de vida, ensejando ganhos a todas as gerações, apesar de haver evidências indicando que as gerações mais novas são as mais beneficiadas por esse tipo de arranjo familiar (CAMARANO; EL GHAOURI, 2003).

Diante das diversas possibilidades que motivam a volta do filho e netos para a casa dos pais idosos, duas situações parecem ser recorrentes nas pesquisas realizadas: o desemprego e o divórcio (DIAS et al., 2011; OLIVEIRA, 2011; VICENTE, 2010). Peixoto e Luz (2007) ressaltam que a recoabitação devido ao desemprego dos filhos está relacionada à necessidade de manter um padrão de vida semelhante ao anterior e de garantir a sobrevivência dos que se encontram em situação mais vulnerável, sofrendo influências do contexto socioeconômico e das políticas sociais. As autoras ainda acrescentam que o desemprego também afeta a contribuição financeira de cada um dos membros da família nas despesas do lar e essa reorganização interfere no deslocamento das responsabilidades materiais.

A partir disto, convém evidenciar que a família constitui um apoio que se mobiliza nos momentos de crise em prol da superação de situações de vulnerabilidade de seus membros. Os filhos, que agora estão desempregados, retornam a depender dos pais, revertendo a ordem da assistência financeira historicamente constituída e gerando, algumas vezes, situações de constrangimento e desagrado.

Nesta perspectiva, Saad (2004, p. 173) ressalta que

(...) no Brasil, assim como na América Latina em geral, o intercâmbio de ajuda entre pais e filhos tende a se estender ao longo de todo o ciclo de vida familiar, como se existisse uma espécie de contrato intergeracional estipulando o papel dos diferentes membros da família em cada estágio do ciclo. Normas tradicionais, tanto internalizadas culturalmente quanto impostas por intermédio de pressões sociais, parecem reforçar essa situação, atuando como força motivadora do intenso fluxo de apoio entre as diferentes gerações.

No contexto da internalização de questões socioculturais envolvidas nesse processo, faz-se importante destacar a presença das atribuições do papel feminino, como a pessoa que está no lugar de fornecer um amor incondicional e de cuidar do lar e dos outros membros da família (LINS DE BARROS, 2013). Desta forma, além do apego, muitas mulheres podem se sentir na obrigação de dar o suporte aos seus filhos e netos em situações de descasamento e/ou

desemprego, por exemplo. No que se refere a mulheres idosas isso fica ainda mais evidente, devido a uma maior naturalização da função feminina de cuidar, conforme foram socializadas no passado. Com isso, a situação da mulher pode fazer parte de um padrão transgeracional mantido pela crença familiar e cultural de que a mulher deve se dedicar à família e nunca ser “egoísta” (NICHOLS; SCHWARTZ, 2007).

Nesse contexto de transmissão geracional são encontrados alguns conceitos difundidos por teóricos da terapia familiar que podem ser evidenciados nas relações familiares de idosos que chefiam lares multigeracionais a partir da recoabitação dos filhos. Dentro deste viés, Boszormenyi-Nagy e Spark (2003) formulam o conceito de *ética*, que consiste na obrigação de preservar o equilíbrio das trocas intrafamiliares a partir da lei da *reciprocidade*, ou seja, a ética está vinculada à noção de justiça (FALCÃO, 2006; NICHOLS; SCHWARTZ, 2007). Tomando como base esse princípio, pode-se questionar em que contexto vive esses idosos, e se há reciprocidade entre os membros da família, considerando os interesses do sistema como um todo e de cada um dos subsistemas.

Seguindo essa linha de pensamento, outro conceito aparece como necessário para a compreensão da estrutura relacional das famílias deste estudo. Trata-se do termo *lealdade*, que consiste no sentimento de solidariedade e compromisso que une as necessidades e expectativas familiares (BUCHER-MALUSCHKE, 2008). Este conceito tem como essência o papel que lhe é delegado transgeracionalmente pela sua família, no qual o sujeito precisa interiorizar as expectativas do grupo familiar e apropriar-se de uma série de comportamentos com a finalidade de cumprir os seus mandatos (FALCÃO, 2006; FALCKE; WAGNER, 2014). Com isso, segundo Falcke e Wagner (2014), o elemento de obrigação ética na lealdade está relacionado, em primeiro lugar, com a noção de dever e de justiça compartilhada pelas pessoas da família comprometidas com essa lealdade.

Boszormenyi-Nagy e Spark (2003) referem ainda que o principal elo entre as gerações é a lealdade, por meio da noção de dívida e de reciprocidade, no qual esta última refere-se às trocas relacionais estabelecidas entre os membros da família. Dentro deste contexto, os autores postulam dois tipos básicos de *exploração*: a pessoal e a estrutural. Na primeira é quando um membro da família é explorado, de forma aberta ou sutil, por outra pessoa que não é recíproca aos seus atos e atitudes. Já o segundo tipo é originário das características do sistema o qual vitima ambos os participantes (FALCÃO et al., 2006).

Diante desses conceitos, pode-se refletir sobre a possibilidade de ocorrer um desequilíbrio de reciprocidade nas relações dos membros de uma família multigeracional.

Portanto, é importante verificar se, com a recoabitação dos filhos na casa materna/paterna, esses idosos estão vivenciando algum tipo de exploração no cumprimento deste papel de cuidado delegado transgeracionalmente. Contudo, também se faz necessário investigar se nessa situação ocorre algum ganho secundário para eles, como a companhia e o apoio, por exemplo.

De acordo com Falcke e Wagner (2014), transições familiares podem gerar períodos de crises, onde há um acúmulo de estresse no núcleo familiar, acarretando uma estagnação do sistema ou promovendo mudanças evolutivas. O desequilíbrio gerado por essas situações estressoras será regulado conforme a família lida com as mudanças e as transições do ciclo evolutivo vital (FALCKE; WAGNER, 2014).

Desta forma, o retorno à casa materna ou paterna, de modo provisório ou definitivo, acarreta um novo funcionamento da organização doméstica, que vai desde a redistribuição do espaço físico até o ritmo de atividades diárias dos membros. Inicialmente, ocorre a readaptação do espaço, no qual se pode compartilhar, abrir e/ou criar cômodos para receber os novos integrantes da residência. Deste modo, os cômodos, regras, horários e tarefas precisarão ser readaptados às necessidades de cada pessoa (PEIXOTO; LUZ, 2007).

Em pesquisa realizada com quinze famílias que possuíam três gerações convivendo juntas e chefiadas por idosos, Dias et al. (2011) identificaram alguns sentimentos experimentados pelos participantes. Os avós apresentaram uma oscilação que ia da alegria até o mal-estar e mesmo revolta por estarem nessa situação. Contudo, foi percebido que apesar de todas dificuldades elas preservam o amor e carinho pelos netos. As filhas e a nora entrevistadas admitiram que essa convivência contribui com o acréscimo de valores e cultura. No entanto, também alegaram sentir cansaço e preocupação em ter que satisfazer às necessidades de cada membro da família. Já os netos destacaram o amor, o cuidado e as experiências adquiridas no convívio com os avós, ao mesmo tempo em que reclamaram da vigilância por parte destes.

No que se refere aos benefícios desse tipo de arranjo familiar, os idosos passam a ter companhia, atenção e alguém que cuide deles em caso de necessidade; no tocante aos filhos, eles contam com o apoio material e afetivo dos pais e se sentem tranquilos a respeito dos seus próprios filhos, por estarem sendo monitorados pelos avós; e, por fim, com relação aos netos, Camarano (2004) mostra que essa configuração influencia no aumento da taxa de escolaridade e na redução do trabalho por parte de crianças e adolescentes, assim como na diminuição do envolvimento com situações de risco e vulnerabilidade (abuso de substâncias químicas, delinquência, entre outros).

Desta forma, segundo Peixoto e Luz (2007, p. 175), a coabitação:

(...) pode ser lida, então, como um fator que estimula a solidariedade familiar nos períodos mais difíceis da vida de cada um de seus membros. Isso não significa, no entanto, que as trocas intergeracionais tenham aumentado ou diminuído e, sim, que as relações familiares adquiriram uma outra dinâmica, pois a recoabitação sempre acarreta uma inversão dos papéis familiares (...).

Entretanto, existem outros fatores que podem estar envolvidos nessa convivência. Dias et al. (2011) expõem alguns fatores de conflito derivados das relações de poder entre as gerações. Com relação aos idosos são apontadas situações de estresse, sobrecarga (financeira e emocional), perda de interesses pessoais (lazer, vida social) e prejuízos na saúde. Os filhos podem vivenciar algum tipo de constrangimento por dependerem dos pais, falta de privacidade, intromissões na vida conjugal e interferências na educação dos próprios filhos. Já os netos podem se confundir com relação à autoridade, falta de privacidade e divergências de pensamentos e valores em relação aos avós.

Nesse contexto, Peixoto e Luz (2007) pontuam que os relacionamentos familiares não são rígidos somente pela harmonia da troca, pois podem surgir conflitos derivados das relações de poder entre as gerações, uma vez que toda família é atravessada por sentimentos contraditórios. O fato de morar na mesma residência pode acirrar esses sentimentos. A questão da autoridade junto aos netos sempre ocasiona uma inversão de papéis familiares, onde alguém perde a chefia familiar (autoridade), permitindo que outra pessoa ocupe esse lugar. Por exemplo, algumas mães viúvas perdem sua autoridade doméstica quando acolhem um filho (ou filha) com dificuldade financeira, ainda que sejam provedoras e proprietárias do imóvel; às vezes, perdem até sua própria independência. Outras mães viúvas conseguem garantir a autoridade doméstica e, neste caso, o filho (ou filha) dependente perde a chefia da sua casa, mas nem sempre da sua família (CAMARANO; EL GHAOURI, 2003). Os idosos se ressentem também da falta de privacidade, reclamam do barulho e, muitas vezes, da sobrecarga de tarefas que precisam cumprir, numa idade em que já não têm tanta energia e saúde (DIAS et al., 2011).

No que se refere ao exercício da autoridade, Stengel (2011) alega que esta consiste na forma como a família lida com a hierarquia, estando presente nas diversas formas de configuração familiar. Como a pessoa que exerce autoridade é quem estabelece os papéis e funções desempenhadas por cada membro da família, surgem diferentes responsabilidades, direitos e deveres. Faz-se necessário destacar que os papéis aqui são compreendidos como o modo como cada pessoa da família desempenha a função que lhe foi atribuída naquele momento (WAGNER; TRONCO; ARMANI, 2011).

Por meio de um percurso histórico sobre os diversos sentidos da autoridade, Torres e Castro (2009) relacionam a noção de autoridade com o conceito de fundação, a qual é composta

de bens, obras, objetos, valores, crenças e modos de ser e pensar, constituindo assim a tradição. Esta última engloba um arsenal dos antepassados e consistiria em um parâmetro para as ações das gerações do presente e do futuro. Nesta perspectiva, segundo as autoras, a autoridade consistiria num aumento do domínio da tradição, desenvolvendo algo novo e, ao mesmo tempo, ligado ao passado herdado. Portanto, ao compreender a família como unidade constituída por pessoas em posições distintas, na qual o poder encontra-se em jogo através das atribuições de direitos e deveres, pode-se compreender que, desta forma, algum membro da família irá exercer o controle sobre os demais. Sendo assim, o exercício da autoridade e do controle pode gerar muitos conflitos interpessoais (STENGEL, 2011).

Nos lares multigeracionais os pais podem exigir que as regras da casa sejam obedecidas ou podem buscar acomodá-las às necessidades dos novos membros da casa, passando por cima, muitas vezes, das suas vontades. Nestes casos, a autonomia requer um respeito mútuo e, assim, é necessário demarcar os limites pessoais, considerando as necessidades do outro. Dentro desse sistema, é difícil saber respeitar os limites de cada um, pois as fronteiras não são iguais para os avós, pais e netos, devido às diferenças de visão de mundo, valores, crenças e comportamentos de cada geração (PEIXOTO; LUZ, 2007).

Ainda de acordo com as autoras acima citadas, a recoabitação deixa as relações intergeracionais mais densas e predispostas a tensões e conflitos, pois, devido ao retorno dos filhos e netos (ou noras e genros) à residência dos pais, estes últimos podem passar a querer participar diretamente da vida dos filhos e dos netos, principalmente na educação destes. Ademais, a experiência de convivência no âmbito familiar não é a mesma de antes, visto que os filhos agora veem de uma outra constituição familiar, onde detinham autonomia e independência financeira e agora se veem submetidos aos pais.

Cabe, por oportuno, destacar a lição de Minuchin (1990) que apresenta dois conjuntos de aspectos que influenciam a forma de interação das famílias. O primeiro consiste nas regras genéricas da organização familiar e o segundo é composto pelas expectativas mútuas de cada componente do sistema familiar. O autor ainda acrescenta que as regras ou normas familiares formam as fronteiras ou limites entre os diversos aspectos inseridos no sistema, os quais tornam possível indicar, na família, quem faz o que, com quem e para quê.

Convém evidenciar que essas fronteiras são consideradas barreiras invisíveis que demarcam os indivíduos e todo o sistema familiar. Desta forma, as famílias desenvolvem as fronteiras com a função de delimitação emocional, sendo ela de proteção e de diferenciação entre os membros. No contexto da recoabitação, a família se depara com a necessidade de

reorganizar as fronteiras do sistema, possibilitando que cada membro exerça suas funções de maneira apropriada, evitando interferências indevidas e possibilitando o contato entre os familiares que convivem na residência. Além desse fator, faz-se necessário uma flexibilização por parte do sistema familiar, ou seja, a habilidade de modificar sua estrutura, suas regras e relações em face de algum estímulo que possa surgir (WAGNER; TRONCO; ARMANI, 2011). Em outras palavras, quanto mais definidas e permeáveis forem as fronteiras entre as gerações menos conflitos surgirão entre eles.

O desequilíbrio gerado pelas situações de conflitos entre as gerações provoca efeitos distintos em cada faixa etária. Esses conflitos se tornam mais complicados quando envolvem dinheiro, herança e administração de bens. Para compreensão dessas situações é preciso perceber quem são as pessoas inseridas nesse contexto, quais são as suas experiências de vida, em que momento da vida se encontram, quais são as expectativas quanto ao futuro e qual o seu grau de autonomia e independência (SOMMERHALDER; NOGUEIRA, 2000).

Nesse sentido, compreende-se que sempre existirão situações de conflito, tensões e divergências no âmbito familiar, mas a forma como cada membro lida com estes momentos é o que irá influenciar a convivência entre as gerações. Assim, é necessário reorganizar as regras e as estratégias utilizadas nesse processo. De acordo com Sommerhalder e Nogueira (2000), é preciso adotar uma postura flexível e estabelecer diálogos para se adaptarem às mudanças de forma mais saudável para todos, tendo uma disposição para reavaliar posições apesar das discordâncias sempre existentes em qualquer que seja a configuração familiar.

Outro ponto a ser considerado no âmbito dos lares multigeracionais é a relação avós-netos. Vicente (2010) aponta que a percepção social do envelhecimento vem se modificando ao longo do tempo, destacando a emergência de idosos mais ativos, que possuem boas condições de saúde e que disputam uma maior atenção de um número reduzido de netos. Nesta perspectiva, várias pesquisas mostram a importância dos idosos (avós) na promoção de bem-estar (emocional e financeiro) de filhos adultos e netos (CAMARANO, 2004; CAMARANO et al., 2004; DIAS, 2015; DIAS; COSTA, 2006; KEMP, 2007). Por exemplo, o caso de filhos e netos que retornam a morar na casa dos pais idosos, temporariamente ou não, por conta de um rompimento conjugal (MARCONDES, 2009; PEIXOTO; LUZ, 2007).

Em muitos casos o filho solicita aos pais idosos um apoio material e moral para ajudar a sustentar e educar os seus próprios filhos. Assim, “os pais-avós sabem que terão, muitas vezes, que assumir responsabilidades e tarefas que nem sempre desejam ou podem, como o cuidado dos netos” (PEIXOTO; LUZ, 2007, p. 183). O cuidado com os netos tornou-se cada vez mais

frequente no nosso país, pois há uma escassez de creches e escolas maternas da rede pública, seja em situação de recoabitação ou não (como é o caso do trabalho dos pais).

Nesse contexto, os avós podem se sentir confusos no exercício do papel, porque se misturam os papéis de pais e de avós o tempo todo. Segundo Pebley e Rudkin (1999), é necessário distinguir os avós que cuidam de seus netos, juntamente com os pais, arranjo que as autoras designam de “corresidência”, daqueles que arcam sozinhos com a criação dos netos, chamadas de “avós em tempo integral, pais substitutos, avós guardiões ou avós com custódia” (concedida pela Justiça) (DIAS; HORA; AGUIAR, 2010). Falcão et al. (2006, p. 64) dizem que “a posição dos avós na família pode ser central ou periférica e envolve questões de autoridade, hierarquia, tradição e relações entre as gerações ao longo do tempo”.

Em suma, o envelhecimento populacional vem gerando mudanças perceptíveis na dinâmica familiar de diversos países. Dentre as alternativas utilizadas para dar suporte às necessidades surgidas desse novo cenário está a corresidência de duas ou até três gerações na mesma residência. No contexto da corresidência, nota-se que há um aumento dos lares multigeracionais chefiados por idosos. A partir das pesquisas supracitadas, percebe-se que a experiência da corresidência está relacionada com o apoio recebido e oferecido ao longo da trajetória familiar, no sentido de ajudar os membros que se encontram em situação de vulnerabilidade, buscando uma colaboração mútua em prol do bem-estar do sistema.

Nas pesquisas expostas neste capítulo, foi visto que essa convivência entre várias gerações na mesma residência pode ser ocasionada por pressões econômicas, sociais ou de saúde associada, principalmente, ao divórcio e desemprego. Verifica-se, também, que a família permanece como o principal meio para a sobrevivência dos indivíduos, transmissão dos aspectos culturais, compartilhamento de afeto e solidariedade entre as gerações.

Levando em conta o que foi observado na literatura, é possível perceber que esse tipo específico de configuração familiar ainda é pouco estudado, principalmente no Brasil. Desta forma, surgiram alguns questionamentos: sobre como os idosos estão vivenciando esse retorno dos filhos, com seus próprios filhos, à sua casa; os motivos que levaram a essa recoabitação; como funciona esse sistema; se há e quais são os benefícios desta configuração familiar para os idosos, bem como se existem ou não conflitos gerados pela recoabitação? Essas e outras questões suscitaram o interesse pela construção desta pesquisa.

4. CAMINHOS PERCORRIDOS

4.1. Objetivos

Objetivo geral

- Compreender como as idosas que são avós e residem em lares multigeracionais, a partir da recoabitação por parte dos filhos, vivenciam e percebem essa situação.

Objetivos específicos

- Caracterizar os motivos que levaram as idosas a participar de um lar multigeracional decorrente da recoabitação;
- Verificar as mudanças ocasionadas devido a recoabitação;
- Identificar, através da entrevista com idosa, quem exerce a autoridade na casa;
- Perceber, a partir da perspectiva da idosa, como se configura o relacionamento entre os membros da família e os sentimentos por ela experimentados;
- Identificar fatores que geram conflitos ou que facilitam a convivência da idosa nesse tipo de configuração familiar;
- Conhecer quais são as expectativas dessas idosas quanto ao futuro da família.

4.2. Método

4.2.1. Natureza da pesquisa

A presente pesquisa foi de natureza qualitativa e exploratória. Este método possibilita um conhecimento da história, das relações, crenças, percepções e opiniões, que são produtos das interpretações que os humanos fazem de como vivem, constroem, sentem e pensam. Sendo a abordagem qualitativa mais adequada para investigações de grupos e segmentos delimitados e focalizados, de vivências sociais sob a ótica dos atores, de relações e para análise de discursos e documentos (MINAYO, 2014).

4.2.2. Participantes

Participaram da pesquisa nove idosas com idades entre 60 e 70 anos (M=64,4), as quais foram dados nomes fictícios para preservar sua identidade. Como critério de inclusão essas idosas deveriam:

- Ter idade mínima de 60 anos;
- Residir por, no mínimo, seis meses em um lar multigeracional (três gerações) decorrente da recoabitação por parte dos filhos e netos;
- Estar em condições de saúde que lhes permitissem participar da pesquisa.

Com relação à escolha das participantes, utilizou-se uma técnica de amostragem proposital ou intencional (TURATO, 2008). Nesse critério, a pesquisadora escolheu deliberadamente as participantes que compuseram o estudo conforme os critérios de inclusão anteriormente mencionados.

4.2.3. *Instrumentos*

Foi utilizada uma entrevista composta de nove questões elaboradas a partir dos objetivos propostos pela pesquisa, e conduzida de forma semidirigida, assim como um questionário para coletar os dados sociodemográficos das participantes (Apêndice C). A entrevista refere-se a uma conversa com finalidade, no qual cada pergunta fez parte do delineamento do objeto, permitindo ampliar e aprofundar a comunicação e contribuindo para a compreensão do ponto de vista dos interlocutores. O roteiro de perguntas permite uma conversação informal para que o entrevistado se sinta à vontade para relatar suas experiências (MINAYO, 2014).

4.2.4. *Procedimentos de Coleta de dados*

A pesquisadora realizou contato com algumas pessoas próximas que auxiliaram na identificação das participantes dentro do perfil almejado. Esta coleta deu-se início no mês de dezembro de 2016 e foi finalizada em maio de 2017. As idosas que apresentaram o perfil para participar da pesquisa residiam no município de Vitória de Santo Antão/PE. No contato com as participantes, buscou-se estabelecer um *rapport* com a intenção de favorecer a relação entrevistadora/entrevistada, explanando-se, de forma ampla, os objetivos da pesquisa e suas contribuições. Posteriormente, foi feita a leitura do “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” (Apêndice A), de acordo com a Resolução nº. 466/12 do Ministério da Saúde – Conselho Nacional de Saúde – e da Resolução CFP nº. 016/2000, que trata da realização de pesquisa, em Psicologia, com seres humanos. Após a aprovação e assinatura do termo pelas participantes, deu-se início ao questionário sociodemográfico e ao roteiro de perguntas da entrevista. O roteiro das entrevistas não foi seguido rigorosamente, permitindo a liberdade de expressão e a espontaneidade das idosas (Apêndice B). Com isso, foram acrescentadas

perguntas dentro dos temas abordados e/ou, adversamente, foram suprimidas algumas questões cujas respostas já houvessem sido respondidas. As entrevistas foram gravadas com autorização e, posteriormente, transcritas de forma literal.

A coleta de dados foi realizada no domicílio de cada uma das participantes, em entrevista única, com duração média de 40 min. Como forma de resguardar suas identidades, as participantes receberam o nome de espécies de pássaros, de acordo com as características da personalidade de cada uma, percebidas através da entrevista.

A seguir, para uma visão geral, apresenta-se a caracterização das participantes em formato de quadro:

PARTICIPANTE	IDADE	SEXO	ESTADO CIVIL	ESCOLARIDADE	PROFISSÃO	Nº FILHOS	Nº NETOS	TEMPO DE CONVIVÊNCIA
Calopsita	67	F	Viúva	Ensino médio completo	Aposentada/ Funcionária Fábrica	5 (4H/1M)	7 (2H/5M)	3 anos
Bavete	63	F	Casada	Ensino superior completo	Funcionária Pública	3 (2H/1M)	1 (M)	12 anos
Sabiá	63	F	Casada	Supletivo	Aposentada	5 (3H/2M)	8 (5H/3M)	6 meses
Lóris	61	F	Viúva	Ensino médio completo	Aposentada/ Costureira	3 (M)	10 (5H/3M)	3 anos
Andorinha	60	F	Divorciada	Ensino Fundamental incompleto	Cozinheira	5 (2H/3M)	5 (1H/4M)	2 anos
Beija-flor	69	F	Separada	Ensino Fundamental incompleto	Aposentada/ Agricultora	8 (5H/3M)	6 (1H/5M)	4 anos
Mainá	67	F	Viúva	Não alfabetizada	Aposentada/ Agricultora	10 (3H/7M)	18 (8H/10M)	10 anos
Granatina	70	F	Casada	Ensino Fundamental incompleto	Aposentada/ Agricultora	5 (1H/4M)	13 (8H/5M)	3 anos
Graúna	60	F	Casada	Ensino médio completo	Aposentada/ Agricultora	9 (6H/3M)	9 (5h/4M)	5 anos

4.2.5. Procedimentos éticos

Para a realização desta pesquisa foram obedecidas as orientações da Resolução n° 466/12 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que assegura os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, aos sujeitos da pesquisa e ao Estado.

A pesquisa foi aceita pelo Comitê de Ética da Universidade Católica de Pernambuco e recebeu o CAAE de número 60826316.0.0000.5206 (Anexo 1).

4.2.6. Procedimento de Análise dos dados

Foi utilizada a análise temática do conteúdo, considerando três etapas: (a) pré-análise, que é composta pela leitura flutuante, ou seja, o pesquisador deixa-se impregnar pelo conteúdo, por meio de exaustivo contato com o material, para constituir o corpus e formular algumas hipóteses de trabalho; (b) exploração do material, que consiste em separar as categorias ou eixos temáticos, a serem discutidos adiante; (c) análise e interpretação dos resultados, com base na literatura consultada (MINAYO, 2014). Em seguida, as informações foram divididas em oito categorias para realizar a análise: *Motivos que ocasionaram a recoabitação; Sentimentos experimentados; Mudanças ocasionadas pela recoabitação; Regras estabelecidas/Autoridade; Relacionamento estabelecido entre as gerações; Benefícios advindos da recoabitação; Fatores que geram conflitos nesse tipo de configuração familiar e Expectativas quanto ao futuro.*

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção são apresentadas as informações colhidas nas entrevistas, divididas em duas perspectivas de análise, conforme indicadas no método. Inicialmente, são expostas separadamente as informações obtidas em cada entrevista, permitindo uma primeira análise das especificidades de cada participante e das características de seu lar multigeracional (análise vertical). Em seguida, com base na análise de oito categorias definidas a partir dos objetivos deste estudo, são discutidos os dados adquiridos do coletivo das entrevistas (análise horizontal), relacionando-os com a literatura.

5.1. Os passarinhos e seus ninhos: caracterizando as participantes

5.1.1. *Calopsita*

Calopsita, 67 anos, viúva, evangélica, possui o 2º grau completo e é aposentada. Tem cinco filhos (quatro homens e uma mulher) e sete netos (dois homens e cinco mulheres). Há 3 anos seu filho mais novo e uma neta pré-adolescente vieram morar na sua residência. Ela reside ao lado da casa de uma das filhas, dessa forma outras netas convivem frequentemente com ela. Recebeu este nome por ser uma idosa ativa, inteligente e muito companheira, assim como a espécie Calopsita que, além disso, gosta de receber atenção e, em caso de isolamento, pode até chegar a arrancar suas próprias penas. Em seus relatos, a idosa fala das duas separações do filho, e que em ambas as vezes, ele retornou à casa materna trazendo a neta. Relata em vários momentos o desejo de ficar com a neta, mesmo se seu filho casar novamente, visto que já está acostumada com ela e que irá sentir sua falta, no entanto se “*der trabalho*” ela a entrega ao filho de volta. Enfatiza o valor da companhia da família no seu dia a dia e diz que não gosta de estar só, pois sente vontade de chorar. Fala que gosta muito das suas netas e que não abre mão delas, pois são sua companhia. Diz que não quis a separação do filho, mas “*se voltou para casa da mãe para que ir morar sozinho?*”. Finaliza a entrevista afirmando que mãe deve acolher o filho, porque filho nunca deixa de ser filho. E no caso do filho ser “*uma pessoa errada*”, que venha trazer dor de cabeça, aí a mãe, para preservar sua saúde, pode mandar alugar uma casinha para ele.

5.1.2. *Bavete*

Bavete, tem 63 anos, casada, católica, possui o 3º grau completo e é funcionária pública. Tem três filhos (dois homens e uma mulher) e uma neta. Todos moram na mesma casa e faz 12 anos que sua filha mais velha retornou a morar com ela, trazendo a neta bebê. Bavete é uma espécie de pássaro calmo e sociável que vive em grandes bandos, características semelhantes às da idosa. Em seu discurso relata que tinha muita preocupação quando, após o divórcio, a filha foi morar sozinha com a neta, pois achava que a filha era muito jovem e talvez não tivesse responsabilidade suficiente para cuidar da neta. Com isso, ela achou melhor levar as duas para morar com ela e, assim, poder ficar acompanhando o dia a dia delas. Relata que zela pela obediência, avisou logo à filha antes de ir morar com ela: “*Você vai me obedecer como se fosse solteira (nunca ter saído) e vai ensinar a sua filha a me obedecer*”. Enfatiza que o maior benefício da recoabitação foi a obediência que adquiriu, por estar mais próxima da filha e da neta, observando tudo e dando as ordens. Finaliza a entrevista dizendo que a família precisa dar muito apoio quando um filho se separa, principalmente quando é um filho muito jovem e sem experiência, então o filho e os netos devem ser acolhidos.

5.1.3. *Sabiá*

Sabiá, 63 anos, casada, católica, concluiu o Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização), é aposentada e tem cinco filhos (três homens e duas mulheres) e oito netos (cinco homens e três mulheres). Reside com seu esposo, dois filhos e uma neta. Há seis meses sua filha mais nova voltou a morar com ela, trazendo a neta adolescente. O significado da palavra Sabiá consiste em “aquele que reza muito”, assim como a idosa que sempre se remete a fé e à religião nas suas falas. Relata que, com a recoabitação, a dinâmica da casa não mudou muito porque as duas já frequentavam diariamente a casa dela, pois a filha usa o espaço da garagem da casa para trabalhar como manicure. Em sua entrevista fala que seu esposo, depois de um AVC (Acidente Vascular Cerebral), ficou com algumas sequelas e que ele requer cuidados diários para realizar atividades básicas como, por exemplo, se alimentar. Neste contexto, a idosa relata que se sente sobrecarregada com tantas responsabilidades na casa. Afirma, ainda, que considera suas duas filhas como amigas e que esse tipo de criação refletiu na relação das filhas com seus netos, declarando que entre mãe e filho não deve haver conflitos.

Faz reclamações com relação ao uso do celular, especificamente o *Whatsapp*, por parte dos filhos e da neta, se queixa que ninguém se reúne, senta para tomar café ou reza o terço juntos por conta que sempre estão mexendo no celular. Fala, ainda que se algum filho quiser ser mais do que ela, na casa dela, ela manda ir embora, porque: *“se eu já tenho problema, meu marido já tem problema, e ainda vim meus filhos tirar minha paz dentro de casa, aí não dá certo pra mim”*. Finaliza a entrevista afirmando que queria que a filha estivesse na casa dela com o marido, mas como não deu certo, então *“quem é a mãe que não ampara seus filhos?”*.

5.1.4. Lóris

Lóris, 61 anos, viúva, católica, tem o 2º grau completo, é aposentada, mas faz trabalhos como costureira. Possui três filhas e dez netos (cinco homens e cinco mulheres). Atualmente reside com sua filha mais nova, quatro netos e a namorada de um dos netos. Duas dessas netas vieram há três anos morar com a idosa por causa da recoabitação da filha. A espécie Lóris é uma ave exótica, ativa e cheia de energia, assim como a participante que sempre está realizando atividades, tanto em casa como na igreja. É uma idosa bastante acolhedora que relata gostar de companhia e de muita gente, pois diz que faz bem a sua saúde, porque não gosta de fazer nada sozinha, *“quanto mais gente melhor”*. Na casa, às vezes surgem alguns conflitos com relação ao modo de educar as crianças, porque a sua filha dá uma ordem nas crianças e ela quer dá outra, mas, segundo a idosa, depois tudo se resolve com paciência e conversa. Diz que sente muita falta do marido, que era *“um dono de casa perfeito”*, pois *“sem marido a gente não é nada, a gente fica desprotegida”*. Ao final da entrevista, diz que *“mãe é tudo na vida de uma pessoa”* e que as mães devem sempre acolher os filhos, a hora que for, devem estar sempre de braços abertos.

5.1.5. Andorinha

Andorinha, 60 anos, divorciada, católica, possui o 1º grau incompleto e trabalha como cozinheira em uma empresa. Tem cinco filhos (dois homens e três mulheres) e cinco netos (um homem e quatro mulheres). Reside com duas filhas e uma neta criança. Há dois anos, após se divorciar, a filha mais nova voltou a morar com ela, trazendo a neta. Devido à sua história de vida, cheia de viagens e mudanças, a participante recebeu o nome de Andorinha, pois são pássaros que realizam longas migrações, com elegância e agilidade em seu voo. E que

constroem um ninho suficientemente resistente para acolher seus filhotes, como no caso da idosa que, com 25 anos de idade se divorciou do marido, saiu de casa com seus cinco filhos e voltou para a casa da mãe, em seguida, voltou a trabalhar e logo depois conseguiu uma casa para viver com seus filhos. A idosa reconhece a repetição da recoabitação na família, pois, assim como ela, a filha voltou à casa materna devido ao divórcio, relatando que *“eu tinha que abraçar a minha filha, como minha mãe me abraçou na hora que eu mais precisei dela”*. A participante refere ainda que está para se aposentar, mas que quer iniciar um comércio na feira da cidade, pois não quer ficar dentro de casa sem fazer nada, para não adoecer. Esse desejo, de acordo com a idosa, também irá servir para deixar algo para a filha e neta se sustentarem no futuro. Encerra a entrevista dizendo que é normal um filho voltar para a casa materna quando o casamento não dá certo e que feliz é a casa que tem filhos e netos, pois *“a pessoa viver no mundo sem filho e sem neto é sem graça”*.

5.1.6. *Beija-flor*

Beija-flor, 69 anos, separada, católica, tem o 1º grau incompleto, é aposentada e antes trabalhava como agricultora. Tem oito filhos (cinco homens e três mulheres) e seis netos (um homem e cinco mulheres). Mora com sua terceira filha e três netos (uma criança e duas adolescentes), que vieram há quatro anos morar com a idosa, devido à separação conjugal. O Beija-flor é conhecido como o menor pássaro do mundo e o que se alimenta bastante, características estas semelhantes à da idosa. Ao longo da entrevista, a participante apresenta queixas com relação a rebeldia e preguiça dos seus netos, dizendo que tem vezes que pensa em ir morar sozinha devido ao estresse. Relata, ainda, alguns problemas de saúde, e que a sua filha a ajuda muito e lhe faz companhia. No decorrer da entrevista, fala que sempre pede a Deus saúde e que coloque obediência nos seus netos, assim como, que antes dela morrer, a filha encontre um esposo que cuide dela e dos netos. Finaliza dizendo que, apesar dos estresses, a recoabitação foi boa para ela, porque morar só é muito ruim, e com companhia ela tem com quem contar se, por acaso, adoecer.

5.1.7. *Mainá*

Mainá, 67 anos, viúva, católica, nunca frequentou a escola, é aposentada e antes era agricultora. Possui dez filhos (três homens e sete mulheres) e dezoito netos (oito homens e dez

mulheres). Reside com duas filhas e três netos (duas crianças e uma adolescente). Há dez anos a sua oitava filha voltou para sua casa, junto com os três netos. Assim como a espécie Mainá, a idosa apresenta um instinto territorial forte, é ativa e avisa aos seus companheiros quando há perigo próximo. Relata que, com a recoabitação, aumentou as suas responsabilidades dentro de casa e que teve que fazer algumas mudanças nas atividades que antes fazia como, por exemplo, *“eu vou caminhar, mas aí venho logo, pra fazer o café deles”*. Fala que o relacionamento da sua filha com seus netos é meio conturbado e que a filha, às vezes, diz que vai embora para o mundo e deixá-los lá, e que ela responde que não vai aguentar. Apesar dessas falas, a participante relata que sente muito carinho pelos seus netos, principalmente o mais novo (8 anos) que ela considera como filho, pois foi criado por ela desde pequeno. Ao final da entrevista diz que gosta da companhia dos netos mesmo com os *“aperreios”*, pois *“morar só é ruim, fica aquela pessoa isolada... quando eles saem com a mãe, aí fica aquela casa oca medonha”*.

5.1.8. Granatina

Granatina, 70 anos, casada, evangélica, possui o 1º grau incompleto, é aposentada e antes trabalhava na agricultura. Tem cinco filhos (um homem e quatro mulheres) e treze netos (oito homens e cinco mulheres). Atualmente reside com seu esposo, o seu terceiro filho e três netos (dois adolescentes e um jovem adulto). Faz três anos que seu filho voltou a morar em sua casa trazendo os netos. Devido a seu aspecto delicado e voz suave, a idosa recebeu o nome de Granatina, que é uma espécie de pássaro de pequeno porte e de canto doce, assim como, há muitas brigas se houver mais de um macho próximo, como é o caso do seu filho e os três netos, que ora e outra vivem em desentendimento. A participante relata detalhadamente toda a história que fez com que seu filho se divorciasse e voltasse a morar na sua casa, fato este que trouxe mais responsabilidades e compromissos no cotidiano da idosa. De acordo com ela, os netos, principalmente logo quando chegaram, causaram muito estresse, pois eles não a respeitavam e ela teve que começar a cozinhar para mais gente. Durante toda a entrevista, a participante descreve situações de angústia que vive na casa, situações estas que prejudicaram sua saúde física e mental. Outra preocupação pontuada pela idosa é com relação ao uso abusivo de álcool por parte do filho, mas ela diz *“mas é meu filho, eu tenho que aceitar”*. Finaliza a entrevista dizendo que *“eu pensava nunca que depois de velha eu ia ficar assim não, com compromisso grande, viu?. No final sobrou pra mim, mas eu tô feliz com eles, né não?”*.

5.1.9. Graúna

Graúna, 60 anos, casada, evangélica, tem o 2º grau completo, era agricultora e hoje é aposentada. Possui nove filhos (seis homens e três mulheres) e nove netos (cinco homens e quatro mulheres). Mora com seu esposo, três filhos e três netos (duas crianças e um adolescente). Há cinco anos, após a separação, seu terceiro filho voltou a morar com a idosa, trazendo seu filho adolescente. A espécie Graúna possui um canto melodioso e vibrante, vivendo em pequenos grupos barulhentos, características semelhantes à da idosa e seu lar. Sempre muito objetiva, a participante relata que a luta aumentou com o acréscimo de pessoas na casa, mas que foi fácil a adaptação, pois *“o coração é grande, deu para todos”*. Traz em vários momentos do seu discurso um tom de conformismo com a situação de recoabitação *“a gente vai fazer o que, tem que criar mesmo, abandonar é que a gente não pode, né”*. Ao final da entrevista, relata que o idoso deveria morar só, pois *“a gente quer um lugarzinho simples só pra gente, que a gente descanse mais”*, porque os netos aperreiam muito e ela não tem descanso.

5.2. Ouvindo o canto dos passarinhos: informações colhidas nas entrevistas

5.2.1. Motivos que ocasionaram a recoabitação

Nesta categoria oito, das nove participantes, indicaram a separação ou divórcio dos(as) filhos(as) como o motivo principal para a recoabitação, como mostram algumas falas a seguir:

“... a separação dela foi cachaça do marido” (Sabiá, 63 anos).

“O motivo foi separação... aí ela disse ‘mainha de eu ficar lá em São Lourenço sozinha é melhor voltar para sua casa’, aí ela voltou” (Andorinha, 60 anos).

“Porque o casamento dela não deu certo...” (Beija-flor, 69 anos).

“Num deu certo, aí ela se separou dele... aí qual é a mãe que deixa a filha na rua né” (Mainá, 67 anos).

“Brigavam muito... aí ela deixou ele [filho]... aí meu esposo disse ‘Você não vai morar na rua não, vai vim tudo praqui’, aí veio tudo praqui” (Granatina, 70 anos).

Dentro deste contexto de separação/divórcio faz-se importante destacar que uma das idosas havia vivenciado duas vezes a recoabitação do filho, pelo mesmo motivo, conforme a narrativa a seguir: “...eles foram tentar viver, mas só passaram um ano... aí ele voltou para casa... Ele casou-se depois de Anabel... passou casado um bocado de anos, mas depois se separaram... voltou de novo pela segunda vez” (Calopsita, 67 anos).

Esses resultados corroboram com os dados encontrados nas pesquisas realizadas por Dias et al. (2011), Peixoto e Luz (2007) e Ramos (2012), as quais referem que a instabilidade e a inconsistência das relações afetivas ocasionam o divórcio/separação do casal, promovendo o retorno dos filhos para a casa dos pais, juntamente com os netos. Diante disso, convém destacar que a família de origem é considerada como um suporte que é mobilizado nas situações de crise, em prol da superação de momentos vulneráveis de seus membros (PEIXOTO; LUZ, 2007).

Além de citar o divórcio da filha como motivo principal da decisão de viver em um lar multigeracional, Bavete (63 anos) acrescentou que: “...ela (filha) foi morar só... depois eu vi que seria melhor elas tá comigo... e ela também era muito nova... aí eu tinha medo... de se encadear (referindo-se a filha se envolver em comportamento de risco) ... pra não ter essa responsabilidade... então eu trouxe para casa”. Nesta fala pode-se perceber que, após a dissolução do casamento, a filha e a neta foram morar sozinhas, no entanto a idosa optou por trazê-las para a sua casa por ter medo de que a filha se perdesse ou não desse conta de criar a filha sozinha, já que era nova (22 anos) e a neta um bebê (menos de um ano).

Dentro do grupo de participantes que indicaram a separação conjugal dos filhos como razão central da coresidência, Andorinha (60 anos) acrescentou ainda que “...eu tô ficando cada vez mais velha, não quero ficar só”. Portanto, a idosa apresenta o fato de não querer estar só na velhice como motivo secundário para acolher sua filha e a neta. Este resultado reflete que mesmo no caso de haver um motivo primário para justificar a recoabitação, pode-se ter outras razões subjacentes que reforçam a necessidade da formação de um lar multigeracional por parte de um ou de todos os membros envolvidos.

Nessa perspectiva, uma das idosas indicou como motivo principal o fato de que estava sozinha, e sua filha e netas vieram lhe fazer companhia, como é percebido neste relato: “... porque eu tava sozinha né, aí ela veio morar pra me ajudar e pra ficar comigo” (Lóris, 61 anos). Este ponto também foi encontrado no estudo de Dias, Hora e Aguiar (2010) sobre jovens criados por avós e por um ou ambos os pais, no qual foram identificadas situações em que filhos e netos se mudam para a casa dos avós para que eles não vivam sozinhos. Neste contexto, a

percepção de suporte e a possibilidade de ser cuidado por pessoas da família também aparecem associados a esse tipo de arranjo familiar (RABELO; NERI, 2015).

Nesses dois últimos relatos é possível notar a preocupação das idosas com relação ao fato de ficar só e, assim, encontram como solução a coresidência, mesmo que esta não seja garantia de que irão receber o apoio que almejam (RABELO; NERI, 2015). Esses dados são confirmados no estudo de Batistoni et al. (2013), no qual constataram que grande parte dos idosos esperam receber cuidados de alguém, principalmente das filhas. Nesse sentido, a necessidade da existência de pessoas disponíveis para fornecer apoio favorece os sentimentos de valorização e afeto para alguns idosos, como é percebido nos relatos de Andorinha e Lóris.

5.2.2. *Sentimentos experimentados*

Nas falas das avós foram percebidos sentimentos diversos, que vão desde felicidade até um mal-estar; no entanto, de modo geral, foi possível notar um sentimento de satisfação e conformidade com o retorno dos filhos e netos para a sua casa. Especificamente, duas participantes demonstraram preocupação com relação ao filho (a) morar sozinho (a) com o neto (a), com isso, atualmente, se sentem bem mais tranquilas por estarem mais próximas e acompanhando o dia a dia deles.

“Quando ele fala em morar sozinho eu nem gosto... porque eu acho assim que se ele morar só eu vou ficar preocupada com ele... e ele na minha casa não, eu tô vendo o que ele tá fazendo, a hora que chega, que ele sai...” (Calopsita, 67 anos).

“Fiquei muito preocupada quando ela ficava sozinha, porque só elas duas, e eu ficava nessa preocupação muito grande... Pra mim foi muito bom, porque ai de qualquer maneira eu tava acompanhando o dia a dia delas” (Bavete, 63 anos).

Nos relatos de três idosas é possível notar certo mal-estar e desconforto, seja pela situação de separação da filha e/ou devido ao aumento de responsabilidades e conflitos no dia a dia. Uma delas faz uma associação direta da angústia que sentiu devido à recoabitação com o início do uso de medicamentos antidepressivos.

“Eu num vou te dizer que me senti muito bem, porque mãe nenhuma quer que a filha se separe... Se eu dizer para você que eu me sinto confortável eu tô mentindo.

Que, às vezes, é capaz da gente enlouquecer, que é muita coisa pra gente só resolver” (Sabiá, 63 anos).

“Me senti mal, viu? Cresceu o aperreio, os meninos aperreiam tanto... e minha luta aumentou demais” (Mainá, 67 anos).

“... quando chegou logo eu chorei muito. Eu fiquei com aquela angústia, aquela coisa ruim. Eu chorava muito, por isso que entrei a tomar remédio de depressão... eu numa idade dessa ficar com um filho e três netos...” (Granatina, 70 anos).

Esses resultados se assemelham com os achados da pesquisa de Dias et al. (2011) e de Peixoto e Luz (2007), que indicam que muitas vezes os idosos se sentem sobrecarregados nesse tipo de configuração familiar. Essas falas denotam um intenso sofrimento nessas mulheres que não esperavam mais estar se ocupando de criar netos numa idade em que não têm mais tanta energia e vigor físico, apresentando o fenômeno da exploração (BOZORMENYI-NAGY; SPARK, 2003).

Por outro lado, três participantes apresentam relatos positivos relacionados à experiência nesse tipo de arranjo familiar, destacando a companhia e o suporte fornecido pelas filhas e netas. Estes dados corroboram com a pesquisa de Silva, Júnior e Vilela (2014), onde a população estudada se apresentou, em geral, satisfeita com a vida em coresidência, considerando essa configuração familiar como uma vivência vantajosa para ambos.

“Eu me senti bem... porque eu não fico só, né... eu gosto de muita gente” (Lóris, 61 anos).

“... eu me sinto bem de ela morar comigo... eu me sinto bem, porque família é pra ajudar o outro... foi muito bom ela voltar pra minha casa, eu gostei” (Andorinha, 60 anos).

“... eu me senti feliz... ela voltou pra mim, pra mim foi uma benção, porque ela me ajuda... me senti feliz porque ela voltou pra casa, era melhor do que ela tá sofrendo” (Beija-flor, 69 anos).

Entre essas participantes, duas delas (Sabiá e Beija-flor) apresentaram sentimentos ambivalentes com relação à volta das filhas e netos para sua casa. Isso corrobora com o argumento apresentado por Peixoto e Luz (2007) de que as relações familiares não são apenas conduzidas pela harmonia de trocas entre as gerações, mas também por “sentimentos

contraditórios de amor e ódio, generosidade e avareza, solicitude e descaso” (p. 187) que coexistem nos membros da família.

“Eu sou feliz... com meus filhinhos na roda de mim” (Sabiá, 63 anos).

“...tem hora que eu tô estressada, dá vontade de ir embora morar sozinha (risos)”
(Beija-flor, 69 anos).

Uma das participantes apresentou discurso distinto das demais, demonstrando sentimento de conformidade diante da situação:

“Normal! É filho mesmo, casado ou sem ser casado é filho mesmo, a gente vai fazer o que, né?” (Graúna, 60 anos).

Nesse viés, a rigidez nas atribuições das atividades femininas com a qual foram socializadas, aparece em vários momentos nas narrativas das idosas, apresentando uma imagem naturalizada do papel de mulher/mãe cuidadora e dedicada aos trabalhos da casa (LINS DE BARROS, 2013). Dessa forma, sendo ela mulher, mãe e avó, foi-lhe atribuído culturalmente o papel de cuidadora do lar e dos membros da família.

Também se pode constatar a presença dos fenômenos da ética e da lealdade, propostos por Bozormenyi-Nagy e Spark (2003), que consistem na manutenção do cuidado e do apego aos filhos e netos, mesmo às custas de sacrifícios pelas avós.

5.2.3. Mudanças ocasionadas pela recoabitação

Neste aspecto, mais da metade das participantes afirmaram, inicialmente, que não houve muitas mudanças. Ao descrevê-las, algumas enfatizaram as reorganizações ocorridas no espaço físico da casa.

“Assim, pra mim... não mudou muito assim não, viu? Continuou. Mudou pra melhor. Aqui como era três quartos, ai dividiu. Ai, no caso, eu não durmo só no quarto” (Lóris, 61 anos).

“... aí no que ela voltou praqui, num foi muita mudança pra mim. Foi assim na casa, né, por que a casa não é tão grande... mas a gente se arrumou...” (Andorinha, 60 anos).

“No início foi difícil porque minha casa não tinha estrutura... ficaram tudo dormindo junto...mas depois a gente se arrumou... o apoio foi muito grande da família” (Bavete, 63 anos).

Nessas falas pode-se perceber duas das propriedades dos sistemas ocorrendo. Primeiro, a mudança e a adaptabilidade que preconizam que todo sistema passa por mudanças, e que precisa se adaptar a elas, para continuar evoluindo. Da mesma forma, vemos a propriedade intercâmbio com o meio, que apregoa que o sistema vive num meio e que influencia e é influenciado por ele (VASCONCELLOS, 2002). Quando Bavete refere que a família ajudou, está demonstrando o apoio que ela e sua filha e neta tiveram do restante da família.

Nessa categoria ainda foram citadas as mudanças no dia a dia das idosas: compromisso de fazer refeições todos os dias para o filho e netos; aumento da agitação devido à rebeldia dos netos; ir levar/buscar os netos no colégio; preparar mais de uma refeição para atender aos gostos de cada neto; realizar mais tarefas de limpeza da casa e levar a filha da namorada do neto para casa duas vezes na semana.

Dessa forma, diante da recoabitação, a família busca organizar a vida doméstica de maneira a impedir as tensões entre os membros e preservar a harmonia das relações familiares. Como foi observado nas falas destas idosas e na pesquisa de Peixoto e Luz (2007), esse retorno introduz uma nova dinâmica na organização doméstica tanto na reorganização do espaço físico, quanto no ritmo do dia a dia. Assim, são espaços, compromissos e regras que devem ser sincronizadas de acordo com as necessidades de cada um (PEIXOTO; LUZ, 2007). Porém, ao que tudo indica, em alguns casos, isso parece não ocorrer, o que prejudica principalmente as idosas.

Frente a essas mudanças, algumas idosas apresentaram certa facilidade e adequação, enquanto outras revelaram muita dificuldade e angústia diante da mudança de sua rotina e do aumento dos compromissos. Duas das que indicaram ter facilidade na adaptação às mudanças, relacionaram esta atitude com o fato de que já tinham um convívio frequente com as filhas e netas.

“Eu só tenho o compromisso de deixar a janta...” (Calopsita, 67 anos).

“...só mudou uma coisinha porque os meninos, às vezes, são muito rebelde... aí eu fico meia agitada” (Beija-flor, 69 anos).

“Mudou sim. Eu vou caminhar aí venho mais logo... pra fazer o café deles... tenho que levar eles no colégio” (Mainá, 67 anos).

“Muito trabalho, muito pesado para mim... fazer comida pra esses meninos tudinho. [...] A namorada tem uma menina... aí duas vezes na semana tem que buscar essa menina... minha mudança foi horrível... eu sofri demais” (Granatina, 70 anos).

“Eu já me adaptei fácil porque elas já viviam diretamente aqui” (Sabiá, 63 anos).

“É que a luta aumentou né, aí é pra roupa, pra tudo... pra fazer feira...tudo é eu” (Graúna, 60 anos).

Nota-se que, para Granatina e Mainá, a recoabitação foi sinônimo de angústia e preocupação, pois a volta dos seus filhos com os netos significou o aumento da carga de tarefas domésticas, já que devem atender às necessidades das suas famílias ampliadas e abandonar, muitas vezes, seus interesses pessoais. Esta sobrecarga física e emocional foi um dos efeitos negativos envolvidos na convivência de famílias multigeracionais apontados na pesquisa de Dias et al. (2011).

5.2.4. Regras estabelecidas e autoridade

Nesta categoria foi observado que a maioria das participantes indicaram elas como sendo a pessoa que estabelece as normas de funcionamento da casa, exigindo, muitas vezes que as regras da casa sejam sempre obedecidas. Nessa questão, vê-se que a hierarquia do sistema é mantida pelas avós, como atestam as seguintes falas:

“A regra quem dá sou eu. Fico sempre muito nas duas... questão de sair, com quem sai, com quem chega... essa parte quem faz as regras sou eu... eles me obedecem... quem dá o grito maior sou eu!” (Bavete, 63 anos).

“Quem estabelece as regras na casa sou eu!... porque eles não podem voltar pra minha casa e mandar... na minha casa quem manda sou eu!...eles têm que baixar a cabeça... tanto ela (neta) como a mãe não faz nada sem combinar comigo, não sai sem minha permissão” (Sabiá, 63 anos).

Também foram relatadas outras situações como: uma idosa que divide o papel de chefia com a filha e outras duas que designaram as filhas como responsáveis para colocar as regras no

lar e pela criação dos netos. No entanto, neste último aspecto, foi percebido que algumas avós tinham atitudes invasivas diante da educação dos filhos com seus netos.

“(quem coloca as regras)... eu e Ana (filha), porque às vezes eu nem boto, é mais Ana... aí eu deixo ela, aí a ordem é dela... agora quando eu quero botar também eu boto!... (regras com os netos) ela como mãe dá uma regra e como vó dou outra. Aí fica complicado” (Lóris, 61 anos).

“Minha filha... porque né ela que é a mãe das meninas, então quem manda nos filhos dela é ela... (ordem de funcionamento da casa) É Luana! (filha)” (Beija-flor, 69 anos).

Outras duas idosas, mesmo se reconhecendo como chefes da casa, apresentaram certa inquietação pelo fato de, muitas vezes, não serem obedecidas pelos seus netos, chegando ao ponto de serem destratadas pelos netos, como é o caso de Granatina (70 anos): *“... ele (neto) me respondia muito, quando eu falava alguma coisa que fazia coisa errada... aí eles respondiam alto pra mim... já tem muitas vezes de eu reclamar e não me obedecer. Dizia coisa comigo (referindo-se aos netos)”*.

Nesse cenário, Peixoto e Luz (2007) afirmam que a recoabitação sempre ocasiona uma inversão de papéis familiares, pois alguém irá perder a chefia familiar para ceder o seu lugar a outro. Como foi observado, algumas idosas perderam a autoridade doméstica para o (a) filho (a), ainda que sejam as únicas ou principais provedoras do lar e donas do imóvel. Entretanto, outras conseguem manter a chefia da casa e, neste caso, quem perde o papel de autoridade do lar são os filhos dependentes.

Dessa forma, observa-se que, conforme afirma Minuchin (1990), as regras ou normas familiares constituem as fronteiras ou limites entre os variados aspectos do sistema, sendo possível indicar quem faz o que, com quem e pra quê, ou seja, as atribuições de papéis no âmbito familiar. Com isso, no contexto da recoabitação, a família sente a necessidade de readaptar as fronteiras do sistema, para que cada membro exerça suas funções de modo mais adequado, evitando atitudes invasivas e promovendo a harmonia no lar (WAGNER; TRONCO; ARMANI, 2011).

5.2.5. Relacionamento estabelecido entre as gerações

De modo geral, foi percebido que a maioria das participantes consideraram “bons/ótimos” os relacionamentos entre os membros da casa. Para essa avaliação, elas levaram em consideração, principalmente, o fato de haver obediência, respeito e amizade nas relações.

(Relacionamento com a neta) *“É bom, eu gosto muito dela... me obedece”*/

(Relacionamento filho/neta) *“Ele é brabo... ele grita muito... é um relacionamento bom... de respeito... ela tem um medo dele”* (Calopsita, 67 anos).

“Muito bom, a gente se entende muito bem... a gente é muito amigo... a gente vive em harmonia...”/ (Relacionamento filha/neta) *“... se dão muito bem são muito amigas”* (Bavete, 63 anos).

(Relacionamento com a filha) *“É ótimo! Minhas duas filhas são minhas amigas. /*

(Relacionamento com a neta) *“... também (é ótimo) é um amor de menina... é muito paparicada”*/ (Relacionamento filha/neta) *“É maravilhoso! Elas são muito amigas, elas se amam... vai de geração em geração (o fato de haver amizade entre mãe e filha)”* (Sabiá, 63 anos).

Especificando mais esse contexto, sete avós indicaram que o seu relacionamento com os netos são bons/muito bons; em contrapartida, duas relataram situações de conflitos e desarmonia entre elas e seus netos, devido a situações de desobediência e rebeldia. Essas duas participantes apresentaram um discurso de conformidade com a situação mesmo diante de uma convivência conflituosa com os netos, reforçando mais uma vez o prejuízo que elas estão tendo nesse tipo de configuração:

“...logo no começo foi pesado... eu ainda sinto... eu só aguento porque é o jeito” (Granatina, 70 anos).

“Mais ou menos, a gente vai fazer o que... a gente tem que criar mesmo...” (Graúna, 60 anos).

Na avaliação do relacionamento com seus filhos, seis idosas indicaram o convívio como harmonioso, permeado pela obediência, união e colaboração, sendo importante destacar que uma delas percebeu que o seu relacionamento com a filha melhorou mais ainda após a recoabitação, devido à convivência diária. Por outro lado, foram percebidos três discursos que apresentaram queixas quanto às atitudes dos filhos:

“Eu me dou bem com ele... às vezes reclamo alguma coisa assim de serviço, mas todo homem não gosta de fazer serviço de casa... ele vai come e deixa lá o prato sujo... ele não faz nada de serviço de casa” (Calopsita, 67 anos).

“É assim mesmo, ela só que é muito malcriada” (Mainá, 67 anos).

“...ele é um filho bom, num é bom porque ele bebe” (Granatina, 70 anos).

No que se refere ao relacionamento dos filhos com os netos cinco idosas relatam situação de conflito, na qual muitas vezes assumem um papel de mediadora desta relação.

“... acho que ele não conversa... ele grita muito, ai eu digo ‘Salomão, não grite muito não’... aí eu digo a ele que ele é muito grossinho com a menina” (Calopsita, 67 anos).

“... ele chega assim que tem bebido, tem vez que ele quer falar coisa com os meninos, chamava muito nome com a mãe deles... e eu dizia ‘Não diz isso não...’. Aí ele parou também, mas falava muito dela e os meninos não queria ouvir essa palavra né, com a mãe” (Granatina, 70 anos).

Nesse contexto, Silva et al. (2015) apontam que as relações afetivas no ambiente familiar são um ponto significativo para o equilíbrio e bem-estar da pessoa idosa. Para os citados autores, essas relações intergeracionais conflituosas, que ocasionam problemas no relacionamento com filhos e/ou netos, muitas vezes são decorrentes de diferenças de valores sociais e culturais entre as gerações.

5.2.6. *Fatores que geram conflitos nesse tipo de configuração familiar*

Em linhas gerais, foram citados como fatores que dificultam a convivência: divergências no que se refere à educação dos netos (horários, estudo, uso excessivo de tecnologia); não cumprimento das tarefas de organização da casa; bagunça; barulho; falta de convivência em momentos considerados importantes pelas idosas (horário de refeição, lazer); rebeldia dos netos e choque entre as gerações.

“Às vezes questão de dormir tarde... eu sempre reclamo... questão de estudar também” (Bavete, 63 anos).

“A coisa que eu implico com eles é quando tá tudo no celular e não senta na mesa pra comer, assistir televisão juntos” (Sabiá, 63 anos).

“São meio rebelde... são meia preguiçosa. Aí, às vezes, esquentam minha cabeça”
(Beija-flor, 69 anos).

“Ele (neto) respondia muito quando eu falava alguma coisa que ele fazia errada... respondia alto pra mim” (Granatina, 70 anos).

Duas idosas relatam algumas discordâncias existentes entre elas e seus filhos (as) com relação à criação dos netos (as):

“... o conflito que há é assim... é se ele (filho) disser uma coisa, dar alguma ordem a Alana e eu quiser tirar”/ “ele (filho) vai come e deixa lá o prato sujo, aí eu reclamo” (Calopsita, 67 anos).

“Ela (filha) diz ‘mainha deixa que eu resolvo’, mas às vezes eu brigo com ela, porque às vezes eu quero que eles vá pela minha linha que vai dar certo” (Lóris, 61 anos).

Nesse cenário Peixoto e Luz (2007) apontam que a recoabitação torna as relações intergeracionais mais densas e suscetíveis a tensões, pois com a volta dos filhos (as) para a casa materna os pais buscam participar diretamente da vida dos filhos (as) e dos (as) netos (as) e, desse modo, não há como não se envolver nas situações.

Assim como nas pesquisas de Dias et al. (2011) e Silva et al. (2015), esses resultados mostram que a coresidência dos familiares não deve ser necessariamente compreendida como sinal de relações amistosas entre as gerações, pois trata-se de pessoas com diferentes personalidades, visões de mundo e valores sociais e culturais.

5.2.7. Benefícios advindos da recoabitação

Nesta categoria a maioria das idosas (7) indicaram a companhia como o benefício principal da recoabitação dos(as) filhos(as) e netos(as). Nos relatos das idosas, esse benefício aparece diretamente associado a uma forma de evitar a solidão, receber e exercer cuidados e, conseqüentemente, trazer melhorias à sua saúde e dos seus filhos e netos.

“... a companhia, porque eu sou uma pessoa que não gosto de ficar só... eu fico com vontade de chorar, porque eu tô sozinha” (Calopsita, 67 anos).

“Eu acho melhor assim, pra minha convivência, pra minha saúde... porque isso faz eu feliz... então é minha saúde, é minha companhia. A companhia é tudo na vida da gente... quanto mais melhor” (Lóris, 61 anos).

“Foi muito bom ela (filha) voltar pra minha casa, eu gostei. De bom foi ela viver mais eu, ser minha companhia eternamente... eu cuido dela e ela cuida de mim” (Andorinha, 60 anos).

“Porque ela me faz a companhia, porque eu tava sozinha...se eu por acaso adoecer ela cuida de mim” (Beija-flor, 69 anos).

“Olha eu achei melhor porque só ninguém quer tá, e eu achava que ele (filho) era muito só... depois que ele veio eu achei ele com o aspecto melhor” (Graúna, 60 anos).

Nessa questão da companhia, nota-se que a solidão é percebida como um sentimento penoso e doloroso, de uma falta que faz referência aos outros (PY; OLIVEIRA, 2012). Assim, os filhos e os netos aparecem como as relações mais importantes em termos afetivos, podendo diminuir esse sentimento de solidão (CAPITANINI; NERI, 2008).

Uma dessas idosas também indica como benefício a ajuda financeira que a filha oferece nas contas da casa: *“Ela ajuda eu pagar a luz, a água, tudinho, e que ela sair vai ser água, luz pra mim, como é que eu vou viver?”* (Mainá, 67 anos). Outro benefício encontrado nos relatos de uma idosa, refere-se à obediência. Bavete (63 anos) indica que com a recoabitação a filha e a neta ficaram mais obedientes, pois ela está mais próxima observando o dia a dia delas: *“Foi a obediência de estarem comigo juntas e eu tô vendo ali. A vantagem foi que me aliviou muito, porque eu tô vendo ali”*.

Em contrapartida, uma das participantes, Granatina (70 anos), relatou que não houve nenhum benefício, pois se sente muito sobrecarregada de responsabilidades e serviços de casa, desta forma, prefere morar sozinha com o esposo, como mostra no discurso a seguir: *“Eu não achei algo bom não, porque pela minha idade eu queria tá só com meu esposo, eu fazer as coisinhas só pra mim e pra ele... mas é meu filho eu tenho que aceitar...e meus netos não vou desprezar”*.

Dessa forma, assim como argumentaram Camarano e El Ghaouri (2003), a coabitação vem sendo relacionada, principalmente, ao desejo das famílias de buscar uma melhor condição

de vida, no entanto há evidências indicando que as gerações mais novas são as mais beneficiadas por esse tipo de arranjo familiar.

5.2.8. *Expectativas quanto ao futuro*

Nos relatos das idosas foi possível perceber o desejo de que os (as) seus (as) filhos (as) casassem novamente, arrumassem um emprego e que seus netos continuassem com os estudos.

“Quero que ela (filha) arrume um marido, que tome conta dela e dessas crianças” (Lóris, 61 anos).

“... deles estarem formados, cada um no seu emprego e vivendo a vidinha deles, sem depender de ninguém” (Bavete, 63 anos).

“Que antes de eu morrer Jesus desse um esposo a ela (filha)” (Beija-flor, 69 anos).

“Que ele arrume um emprego, se case, saia, pra vê se eu tenho descanso” (Granatina, 70 anos).

Uma das participantes, Calopsita (67 anos), demonstrou o interesse de ficar com a neta mesmo no caso do filho casar novamente e sair de casa: *“Eu tenho muita vontade de ficar com ela. Ela só ir pra casa do pai se for nesse termo (der trabalho), mas senão ela vai casar na minha casa”*.

Com relação ao que as idosas desejam para si, foram expostas expectativas quanto à saúde, disposição para trabalhar, união da família e bens materiais (casa própria e carro).

“Pedir a Deus muita saúde, paz de espírito e disposição para trabalhar” (Bavete, 63 anos).

“Eu quero um carrinho pra andar, porque moto não dá pra ir tudo (família) e eu quero que leve tudo” (Lóris, 61 anos).

“Que Jesus me cure e me dê saúde” (Beija-flor, 69 anos).

Nessa questão, vale ressaltar que, inicialmente, a maioria das idosas relataram as expectativas que tinham quanto ao futuro dos (as) filhos (as) e netos (as), deixando de pontuar ou colocando em segundo plano os desejos quanto a seu futuro, como o relato a seguir: *“Ser*

*unido eternamente, e o que eu puder fazer pra as duas eu vou fazendo, até no dia que eu partir...
deixar elas feliz” (Andorinha, 60 anos).*

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação foi apresentado como as idosas que são avós e residem em lares multigeracionais, decorrente da recoabitação dos filhos, vivenciam e percebem essa situação. Diante das informações colhidas nas entrevistas, foi possível verificar as seguintes temáticas:

- A maioria das participantes indicaram a separação ou o divórcio dos filhos como motivo principal para a ocorrência da recoabitação. Outros motivos secundários foram apontados pelas idosas, como preocupação com filhos e netos morando sem a presença do cônjuge, bem como o fato das participantes quererem companhia.
- De modo geral, essas avós apresentaram um sentimento de satisfação e conformidade com a volta dos filhos e netos para sua casa, porém eles apareceram vinculados ao fato de estarem cumprindo as atribuições socioculturais do papel materno de sempre acolher e cuidar dos membros da família e do lar. Nota-se um padrão transgeracional preservado pela crença familiar de que a mulher deve se dedicar à família. Relatos como “mãe deve acolher seu filho”, “quem é a mãe que não ampara seus filhos?”, “a hora que for pode acolher seu filho”, “que mãe vai desejar mal pro filho” e “é meu filho, eu tenho que aceitar” exemplificam o que foi dito.
- Percebeu-se um desequilíbrio na reciprocidade das relações entre os membros dessas famílias multigeracionais, pelo qual algumas idosas vivenciavam situações de exploração, aberta ou sutil, por parte dos filhos e netos.
- Ao mesmo tempo, foi possível notar que o retorno do (a) filho (a) à sua casa fornece a possibilidade de vigilância e controle dos comportamentos dos filhos e netos, através do exercício do cuidado e da autoridade sobre eles, o que pode redundar em conflitos. Sendo assim, pode-se considerar a existência de ganhos secundários no cumprimento desse papel de cuidadora desempenhado por essas idosas.
- No que se refere às mudanças ocasionadas pela recoabitação, as idosas enfatizaram as questões do espaço físico do domicílio como: mudanças de quarto e obras para aumentar a casa. Registraram ainda, mudanças no seu dia a dia, ao qual tiveram que acrescentar mais afazeres domésticos e de cuidado com os netos. Diante dessas mudanças, algumas delas apresentaram certa facilidade e adequação ao novo ritmo, entretanto para outras idosas essas alterações provocaram angústia e preocupação devido ao aumento da carga de responsabilidades domésticas e de muitas vezes

terem que abandonar seus interesses pessoais para atender às necessidades dos outros membros da família.

- Verificou-se que muitos filhos já frequentavam diariamente a casa materna, e muitos desses netos já recebiam cuidados dessas avós nos momentos em que os pais estavam trabalhando, por exemplo. Ao mesmo tempo, essa frequência de contato pareceu facilitar a convivência debaixo do mesmo teto.
- Predominantemente, as idosas se consideraram como as pessoas que estabelecem as normas de funcionamento do lar, mesmo que, em alguns casos, não fossem obedecidas. Por outro lado, convém evidenciar que algumas idosas dividiam esse papel de chefia com os filhos ou, em outros casos, delegavam as filhas como as principais responsáveis pelas regras do lar e pela criação dos netos.
- No quesito da educação dos netos, verificou-se algumas atitudes invasivas dessas avós, ocorrendo a desqualificação das ordens dadas pelos filhos, fato este que gerava situações de conflito e desentendimento entre as participantes e seus filhos.
- De modo geral, as idosas consideraram como bons/ótimos os relacionamentos entre as gerações, devido à presença de respeito, obediência e amizade nas relações. Em outros casos, percebeu-se a presença de conflitos entre a segunda e terceira geração (filhos e netos), no qual as avós assumiam o papel de mediação desta relação. Outro ponto que vale ser ressaltado foi o de avós que mantinham um relacionamento conflituoso com filhos e netos, diante da sua insatisfação em relação a condutas e comportamentos adotados por eles como, por exemplo, uso abusivo de álcool e falta de colaboração com as atividades domésticas.
- A recoabitação tornou as relações intergeracionais mais intensas e propensas à existência de tensões. Dentre as principais causas de conflitos entre as gerações, foram citadas por outras avós a desobediência das regras do lar, falta de apoio nas atividades domésticas e divergências quanto à educação dos netos.
- Grande parte das participantes considerou a companhia como o maior benefício advindo da recoabitação. Essa foi a forma que encontraram para evitar a solidão, receber e exercer ações de cuidado e, assim, melhorar as condições de saúde delas e dos outros membros da casa.
- Quanto às expectativas futuras, as participantes relataram o desejo de que os filhos se casem novamente e arrumem um emprego. Para seus netos, esperam que eles completem os estudos e tenham estabilidade financeira. Já as expectativas para si

mesmas envolvem ter saúde, disposição para trabalhar e bens materiais (casa própria e carro).

- Respondendo ao problema colocado nesta pesquisa, de maneira geral, percebeu-se que houve sentimentos ambivalentes por parte da maioria das idosas. Ressalta-se a existência de quatro delas que se sentem felizes com essa organização familiar. Além disso, duas delas demonstraram contrariedade e até mesmo revolta por estarem envolvidas com os cuidados aos filhos e netos, tendo-os aceito mais por obrigação.

As reflexões proporcionadas por este estudo aprofundaram a compreensão da dinâmica dos lares multigeracionais, a partir do olhar da pessoa idosa, contribuindo para a literatura especializada na área do envelhecimento e da família. Desse modo, os discursos aqui apresentados são relevantes por apontarem aspectos relativos às vivências e percepções de idosas diante da recoabitação dos filhos com os netos para a sua casa e, assim, orientarem algumas práticas e intervenções direcionadas a esse grupo populacional.

Este estudo apresentou limitações quanto às suas participantes. Houve uma predominância de uma amostra feminina, com isso não foi possível investigar a percepção masculina de idosos que chefiam este tipo de arranjo familiar. Desta forma, futuras investigações podem se concentrar em buscar uma amostra mais diversificada quanto às características pessoais dessa população. Poder-se-ia também verificar esse fenômeno em outras camadas sociais. Seria interessante também investigar os outros personagens desse arranjo familiar, como os filhos que retornam a morar com os pais e os netos que vivem com os avós e um ou ambos os pais devido à recoabitação.

Embora não tendo sido o alvo desta pesquisa, os netos que são criados ou vivem com avós, a depender dos motivos que os levaram à essa coabitação, são considerados crianças/adolescentes de risco. Eles podem apresentar rebaixamento na sua autoestima, sentimento de revolta em relação aos pais que os negligenciaram ou abandonaram, dificuldades escolares e sociais, o que enseja a necessidade de pesquisas.

Conclui-se que o fenômeno da recoabitação é complexo porque envolve diferentes gerações sob o mesmo teto, que precisam renegociar questões como autoridade, recursos financeiros, atividades domésticas, cuidado com os netos, entre outras, o que exige respeito às diferenças, flexibilidade e diálogo constante. Algumas pistas oferecidas nesta pesquisa parecem indicar que o relacionamento de afeto e proximidade, mesmo antes da recoabitação, a colaboração e o respeito existentes entre avós e filhos, repercutem nos netos, facilitando a

convivência. Por outro lado, o descaso ou omissão por parte dos filhos em relação aos avós, a falta de colaboração dos netos, a desqualificação dos avós da criação dada pelos filhos dificultam a vida em comum. Espera-se que esta pesquisa possa instrumentalizar melhor os profissionais que lidam com essas famílias e pessoas que vivem em lares multigeracionais.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, L. F.; CARVALHO, V. A. Aspectos sociohistórico e psicológicos da velhice. **Mneme**, Caicó, v. 6, n. 13, dez./jan. 2005.
- AREOSA, S. V. C.; BENITEZ, L. B.; WICHMANN, F. M. A. Relações familiares e convívio social entre idosos. **Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 184-192, jan./jul. 2012.
- BATISTONI, S. S. T. et al. Arranjos domiciliares, suporte social, expectativa de cuidado e fragilidade. In: NERI, A. L. (org.). **Fragilidade e qualidade de vida na velhice**. Campinas: Alínea, 2013, p. 267-82.
- BERGER, P. **Perspectivas sociológicas**. Petrópolis: Vozes, 1989.
- BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 12 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 484 p.
- BOSZORMENYI-NAGY, I.; SPARK, G. M. **Lealdades invisíveis**. Buenos Aires: Amorrortu, 2003. 450 p.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Envelhecimento e saúde da pessoa idosa**. Brasília-DF, 2007, 192 p.
- BUCHER-MALUSCHKE, J. S. N. F. Do transgeracional na perspectiva sistêmica à transmissão psíquica entre as gerações na perspectiva da psicanálise. In: PENSO, M. A.; COSTA, L. F. (Orgs.). **A transmissão geracional em diferentes contextos: da pesquisa à intervenção**. São Paulo: Summus editorial, 2008, p. 76-96.
- CAMARANO, A. A. Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica. Texto para discussão, n. 858, **Instituto de Pesquisas Econômicas**, Rio de Janeiro, 2002.
- CAMARANO, A. A. Jovens e idosos nordestinos: exemplo de trocas intergeracionais? Texto para discussão, n. 1103, **Instituto de Pesquisas Econômicas**, Rio de Janeiro, 2004.
- CAMARANO, A. A.; EL GHOURI, S. K.; Família com idosos: ninhos vazios? Texto para discussão, n. 950, **Instituto de Pesquisas Econômicas**, Rio de Janeiro, 2003.
- CAMARANO, A. A.; KANSO, S.; MELLO, J. L. Como vive o idoso brasileiro? In: CAMARANO A. A. (org.). **Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?** Rio de Janeiro: IPEA, 2004, p. 25-73.
- CAMARANO, A. A. et al. Famílias: espaço de compartilhamento de recursos e vulnerabilidades. In: CAMARANO, A. A. (Org.). **Os novos brasileiros: muito além dos 60?** Rio de Janeiro: IPEA, 2004, p. 137-167.
- CAMARANO, A. A.; PASINATO, M. T. Introdução. In: CAMARANO, A. A. (org.). **Novos idosos brasileiros: muito além dos 60?** Rio de Janeiro: IPEA, 2004, p. 01-22.
- CAPITANINI, M. E. S.; NERI, A. L. Sentimentos de solidão, bem-estar subjetivo e relações sociais em mulheres idosas vivendo sozinhas. In: NERI, A. L.; YASSUDA, M. S. (org.).

Velhice bem sucedida: aspectos afetivos e cognitivos, 3 ed., p. 71-89. Campinas: Papirus, 2008.

CARVALHO, R. S. **Saúde e qualidade de vida na velhice:** a percepção do idoso mais velho. 2012. 89 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2012.

CIOSAK, S. I. et al. Senescência e senilidade: novo paradigma na atenção básica de saúde. **Revista Escola de Enfermagem**, São Paulo, v. 45, n. 2, p.1763-1768, dez. 2011.

COUTRIM, R. M. E. Idosos trabalhadores: perdas e ganhos nas relações intergeracionais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 21, n. 2, p. 367-390, maio/ago. 2006.

DAVIDOFF, L. L. **Introdução à psicologia**. 3. ed. Tradução Lenke Peres. São Paulo: Pearson Makron Books, 2001.

DIAS, C. M. S. B. As relações intergeracionais na família: desafios e possibilidades. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (org.). **Família e Casal:** parentalidade e filiação em diferentes contextos. 1. ed. Rio de Janeiro: PUC Rio/Prospectiva, 2015, v. 1, p. 93-102.

DIAS, C. M. S. B. et al. As relações entre as gerações nas famílias chefiadas por idosos. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (org.). **Casal e família:** conjugalidade, parentalidade e psicoterapia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011, p. 79-94.

DIAS, C. M. S. B.; COSTA, J. M. Um estudo sobre a avó guardiã na cidade do Recife. In: AMAZONAS, M. C.; LIMA, A. O.; DIAS, C. M. S. B. (org.). **Mulher e família:** diversos dizeres. São Paulo: Oficina do Livro, 2006, p. 127-138.

DIAS, C. M. S. B.; HORA, F. F. A.; AGUIAR, A. G. S. Jovens criados por avós e por um ou ambos os pais. **Psicologia: Teoria e Prática**, n. 12, v. 2, p. 188-199, 2010.

DUARTE, L. R. S. Idade cronológica: mera questão referencial no processo de envelhecimento. **Estudos interdisciplinares do Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 2, p. 35-47, 1999.

FALCÃO, D. V. S. et al. As relações familiares entre as gerações: possibilidades e desafios. In: FALCÃO, D. V. S.; DIAS, C. M. S. B. (org.). **Maturidade e velhice:** pesquisa e intervenções psicológicas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006, v. 1, p. 49-60.

FALCKE, D.; WAGNER, A. A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definição de conceitos. In: WAGNER, A. (org.). **Como se perpetua a família?:** a transmissão dos modelos familiares. Porto Alegre: ed. PUC/RS, 2014, p. 25-45.

FONTAINE, R. **Psicologia do envelhecimento** (Tradução Constância Maria Egrijas Morel). São Paulo: Edições Loyola, 2010, 194 p.

FREIRE, S. A. Envelhecimento bem-sucedido e bem-estar psicológico. In: NERI, A. L.; FREIRE, S. A. (org.). **E por falar em boa velhice**. Campinas: Papirus, 2000, p. 21-31.

GOODMAN, C. Family dynamics in three generation grandfamilies. **Journal of Family Issues**, n. 28, p. 855-883, 2007.

GUERRA, A. C.; CALDAS, C. P. Dificuldades e recompensas no processo de envelhecimento: a percepção do sujeito idoso. **Ciência e Saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 6, p. 2931-2940, 2010.

GUSMÃO, N. M. M. A maturidade e a velhice: um olhar antropológico. In: NERI, A. L. (org.). **Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas**. 3. ed. Campinas: Papirus, 2001, p. 113-132.

HELMAN, C. G. Cultural aspects of time and ageing: time is not the same in every culture and every circumstance; our views of ageing also differ [Special issue]. **European Molecular Biology Organization**, v. 6, p. s54-s58, 2005.

IBGE. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira**. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv66777.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2016.

IBGE. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira**. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://ndonline.com.br/uploads/global/materias/2015/12/04-12-2015-02-58-43-pesquisa-ibge.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2016.

KEMP, C. Grandparent-grandchildren ties: reflections and change across three generations. **Journal of Family Issues**, n. 28, p. 355-370, 2007.

LINS DE BARROS, M. Transmissão de valores na família e conflitos intergeracionais: experiências femininas. **Cadernos Adenauer**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 125-143, 2013.

MAIA, F. O. et al. Risk factors for mortality among elderly people. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v. 40, n. 6, dez. 2006.

MARCONDES, G. S. **Continuidades e rupturas: relações entre avós, pais e netos em contextos de separação e recasamentos**. XIV CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA: SOCIOLOGIA: CONSENSOS E CONTROVÉRSIAS. Rio de Janeiro, RJ, 2009.

MARTINS, E. Constituição e significação de família para idosos institucionalizados: uma visão histórico-cultural do envelhecimento. **Estudos e pesquisas em psicologia**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 215-236, ago. 2013.

MINAYO, M. C. O. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14 ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MINAYO, M. C. S.; COIMBRA JUNIOR, C. E. (org.). **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002, 209 p.

MINUCHIN, S. **Famílias funcionamento e tratamento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

NERI, A. L. **Palavras-chave em gerontologia**. Campinas: Alínea, 2014, 334 p.

NERI, A. L.; FREIRE, S. A. (org.). **E por falar em boa velhice**. Campinas: Papirus, 2000.

- NETTO, M. P. **Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada**. São Paulo: Atheneu, 2005, 524 p.
- NICHOLS, M. P.; SCHWARTZ, R. C. **Terapia familiar: conceitos e métodos**. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- OLIVEIRA, M. R. **As relações intergeracionais e a participação dos avós na família dos filhos**. Tese de Doutorado em Psicologia. Universidade de Brasília. 2011.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Relatório mundial de envelhecimento e saúde**. Estados Unidos, 2015. Disponível em: http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/186468/6/WHO_FWC_ALC_15.01_por.pdf. Acesso em: 06 jun. 2016.
- ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. **Envelhecimento ativo: uma política de saúde**. Tradução Suzana Gontijo. Brasília., 2005, 60 p. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf. Acesso em: 06 jun. 2016.
- PACHECO, M. E. A. G.; ALVES, S. M. M. A função social dos idosos avós na contemporaneidade: uma análise preliminar da estrutura familiar. **Revista Conhecimento e Diversidade**, Niterói, n. 8, p. 93-103, jul./dez. 2012.
- PEBLEY, A. E.; RUDKIN, L. L. Grandparents caring grandchildren: what do we know? **Journal of Family Issues**, v. 20, n. 2, p. 218-242, 1999.
- PEIXOTO, C. H.; LUZ, G. M. De uma morada a outra: processo de re-coabitação entre as gerações. **Cadernos Pagu**, n. 29, p. 171-191, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n29/a08n29.pdf>. Visualizado em: 26 out. 2015.
- PY, L.; OLIVEIRA, J. F. P. A. A espera do nada. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 8, p. 1955-1962, 2012.
- RABELO, D. F.; NERI, A. L. Tipos de configuração familiar e condições de saúde física e psicológica em idosos. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 4, p. 874-884, abril, 2015.
- RAMOS, A. C. Morando com meus avós: as famílias conviventes na perspectiva das crianças. **Pedagogia y saberes**, Colômbia, n. 37, p. 119-131, 2012.
- SAAD, P. M. Transferência de apoio intergeracionais no Brasil e na América Latina. In: CAMARANO, A. A. (org.). **Os novos brasileiros: muito além dos 60?** Rio de Janeiro: IPEA, 2004. p. 169-209.
- SANTANA, H. B.; SENA, K. L. O Idoso e a representação de si: a novidade na agenda social contemporânea: inclusão do cidadão de mais idade. **A Terceira Idade**, v. 14, n. 28, São Paulo, set. 2003.
- SANTOS, I. E. **Homem idoso: vivências de papéis durante o ciclo vital da família**. 2006. 111 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2006.

SCHNEIDER, R. H.; IRIGARAY, T. Q.; O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos e sociais. **Estudos de psicologia**, Campinas, v. 25, n. 4, p. 585-593, out./dez. 2008.

SILVA, D. M. et al. Dinâmica das relações familiares intergeracionais na ótica de idosos residentes no Município de Jequié (Bahia), Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 20, n. 7, p. 2183-2191, 2015.

SILVA, V. **Velhice e envelhecimento**: qualidade de vida para os idosos inseridos nos projetos do SESC – Estreito. Trabalho de conclusão de curso em Serviço Social - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

SILVA, I. T.; JUNIOR, E. P. P.; VILELA, A. B. A. Autopercepção de saúde de idosos que vivem em estado de coresidência. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 275-287, 2014.

SOMMERHALDER, C.; NOGUEIRA, E. J. As relações entre gerações. In: NERI, A. L.; FREIRE, S. A. (org.). **E por falar em boa velhice**. Campinas: Papyrus, 2000. p. 101-112.

STENGEL, M. O exercício da autoridade em famílias com filhos adolescentes. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 17, n. 3, p. 502-521, dez. 2011.

TEIXEIRA, I. N.; NERI, A. L. Envelhecimento bem-sucedido: uma meta no curso da vida. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 81-94, jan./mar. 2008.

TORRES, M. C. E.; CASTRO, L. R. Resgatando e atualizando os sentidos da autoridade: um percurso histórico. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 19, n. 42, p. 87-96, jan./abril. 2009.

TURATO, E. R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação na área da saúde e humanas. Petrópolis: Vozes, 2008.

UCHÔA, E. Contribuições da antropologia para uma abordagem das questões relativas à saúde do idoso. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 849-853, maio/jun. 2003.

VASCONCELLOS, M. J. E. **O pensamento sistêmico**: o novo paradigma da ciência. Campinas/SP: Papyrus, 2002, 267 p.

VICENTE, H. M. T. **Família multigeracional e relações intergeracionais**: perspectiva sistêmica. Tese de Doutorado em Ciências da Saúde. Universidade de Aveiro. Portugal. 2010. 130p.

WAGNER, A.; TRONCO, C.; ARMANI, A. B. Os desafios da família contemporânea. In: WAGNER, A. (cols.). **Desafios psicossociais da família contemporânea**: pesquisas e reflexões. Porto Alegre: Artmed, 2011, p. 19-35.

APÊNDICES

APÊNDICE A



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO PRÓ-REITORIA ACADÊMICA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

PREZADO(A) PARTICIPANTE:

1. Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada “Idosos que chefiam lares multigeracionais por recoabitação: escolha ou falta de opção?”. Nesta pesquisa entendemos lares multigeracionais como lares onde convivem três ou mais gerações, a partir da recoabitação por parte dos filhos.
2. A seleção ocorreu através do método intencional e a sua participação não é obrigatória.
3. Você poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar seu consentimento.
4. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a Universidade Católica de Pernambuco.
5. Os objetivos deste estudo são: Compreender como os idosos que são avós e residem em lares multigeracionais, a partir da recoabitação por parte dos filhos, vivenciam e percebem essa situação. Buscamos caracterizar os motivos que levaram os idosos a participar de um lar multigeracional decorrente da recoabitação; identificar, através da entrevista com idoso, quem exerce a autoridade na casa; perceber, a partir da perspectiva do idoso, como se configura o relacionamento entre os membros da família e os sentimentos experimentados; identificar fatores que geram conflitos ou que facilitam a convivência do idoso nesse tipo de configuração familiar.
6. Sua participação consistirá em responder a uma entrevista sobre as referidas questões.
7. Os benefícios relacionados com a sua participação nessa pesquisa dizem respeito ao fato de que você poderá perceber de maneira mais adequada o relacionamento em sua família. Os resultados também poderão propiciar a compreensão acerca dessa organização familiar, beneficiando as famílias e os profissionais que lidam com essa temática.
8. As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação.
9. Salientamos ainda que não pretendemos, através de sua participação, causar nenhuma espécie de dano ou perda, seja ela pessoal ou profissional, podendo interromper sua participação na pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo de qualquer ordem. Todos os informes que possam identificá-lo serão alterados, de forma a não possibilitar sua identificação.
10. Você receberá uma cópia deste termo onde constam o telefone e o endereço da pesquisadora principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Dados da pesquisadora principal:

Nome: Cristina Maria de Souza Brito Dias

Endereço: Universidade Católica de Pernambuco, Rua Almeida Cunha, 245, Santo Amaro, Bloco G4, 8º andar.

Telefone: 2119-4369

Assinatura das pesquisadoras:

DECLARAÇÃO PÓS-LEITURA:

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da minha participação na pesquisa e concordo em participar. A pesquisadora me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Católica de Pernambuco, localizada na RUA ALMEIDA CUNHA, 245 – SANTO AMARO – BLOCO G4 – 8º ANDAR – CEP: 50050-480, RECIFE – PE – BRASIL. TELEFONE (81). 2119.4376 – FAX (81)2119.4004 – ENDEREÇO ELETRÔNICO: pesquisa_prac@unicap.br (CAEE: 60826316.0.0000.5206)

Recife, _____ de _____ de 2017.

Assinatura do participante da pesquisa:

APÊNDICE B

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Dados sociodemográficos:

Idade:
Sexo:
Escolaridade:
Profissão:
Estado civil:
Número de filhos:
Número de netos:
Estado de saúde:
Reside com:
Tempo de convivência em lar multigeracional:

Perguntas:

- 1) Comente qual foi o motivo que levou seu filho(a) e neto(a) a morar com o(a) senhor(a) novamente? Como o(a) senhor se sentiu nessa situação?
- 2) O(a) senhor(a) poderia me falar um pouco como foi a adaptação depois que seu filho(a) e neto(a) vieram morar com o(a) senhor(a)?
- 3) Quem é a pessoa que sustenta financeiramente a casa? (quais são essas despesas?). E como você se sente diante disso?
- 4) Quem estabelece as normas de funcionamento na casa? De que forma?
- 5) Como você percebe o relacionamento entre os membros da casa? (avô-neto; avô-filho; filho-neto)
- 6) No dia a dia de vocês quando existe algum conflito, como vocês resolvem essa situação? Conte-me um exemplo.
- 7) O(A) senhor(a) poderia me dizer quais os benefícios são as facilidades desse tipo de arranjo familiar
- 8) Quais os benefícios que o(a) senhor(a) percebeu com o retorno do seu filho(a) com seu neto(a) pra a sua casa?
- 9) Quais as suas expectativas quanto ao futuro?

ANEXO